

William Shakespeare

Romeu e Julieta



ROMEU E JULIETA

William Shakespeare

*Tradução e introdução
Barbara Heliodora*



Direitos de edição da obra em língua portuguesa adquiridos pela Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados.

Coordenação: Daniel Louzada

Conselho editorial: Daniel Louzada, Frederico Indiani, Leila Name, Maria Cristina Antonio Jeronimo

Projeto gráfico de capa e miolo: Leandro B. Liporage

Edição em Epub: Exilado de Marília

Diagramação: Filigrana

Conversão pra E-book: Celina Faria e Leandro B. Liporage

Equipe editorial Nova Fronteira: Shahira Mahmud, Adriana Torres, Claudia Ajuz, Gisele Garcia

Preparação de originais: Gustavo Penha, José Grillo, Fatima Fadel

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Shakespeare, William, 1564-1616

Romeu e Julieta / William Shakespeare ; tradução e introdução

Barbara Heliodora. - [Ed. especial]. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2011.

(Saraiva de bolso)

Tradução de: Romeo and Juliet

ISBN 9788520928257

1. Teatro inglês (Literatura). I. Heliodora, Barbara. II. Título. III. Série.

CDD: 822

CDU: 821.111-2

Introdução

Prova confiável de uma peça elisabetana na época de sua primeira montagem é a publicação de uma edição “pirateada”, sem autorização dos donos do texto. O conceito de copyright tal como o conhecemos não existia e, ainda hoje, discute-se se os direitos de publicação ficavam com quem registrava seu pedido no Stationers’ Register, ou com quem imprimia primeiro. Como tampouco eram definidos os direitos de montagem, as companhias, que compravam o texto do autor, via de regra, não os queriam ver impressos, para que outras, menores, se apropriassem deles para excursionar pelo interior. *Romeu e Julieta* teve uma primeira edição péssima (um dos notórios bad quartos) em 1597, com texto reconstituído de memória por um ou dois atores que haviam trabalhado, ao que parece, em uma montagem bastante cortada.

Como frequentemente acontecia em tais casos, uma segunda edição, autorizada, aparece para provar que o que a companhia montava não era aquele monstro antes dado a público. Em 1599, portanto, aparece o Q2, que além de correto contém mais setecentos versos do que o Q1, baseado provavelmente no manuscrito de Shakespeare. Os especialistas identificam a probabilidade da origem por hábitos do poeta, como o de escrever, na rubrica, “Entra Will Kempe”, o ator que faria o papel, em lugar de escrever “Entra Pedro”, que é o criado da Ama.

Apesar de pirateado e apesar dos erros, o Q1 tem grande importância por trazer considerável contribuição à questão da data da peça. Diz a página de rosto: “A tragédia de excelentes conceitos *Romeu e Julieta*, como tem sido muitas vezes (e com grande aplauso) montada publicamente pelos ‘Criados do Muito Honorável Lorde Hunsdon’.” Acontece que os dois lordes Hunsdon, pai e filho, primos da rainha, ocuparam o cargo de Lorde Chamberlain, nome pelo qual é geralmente conhecida a companhia de Shakespeare, e que foi só entre julho de 1596 e março de 1597 — ou seja, entre a morte do primeiro e a nomeação do segundo — que o grupo foi conhecido apenas como “Os Homens do Lorde Hunsdon”. Há uma forte corrente, no entanto, que acredita que *Romeu e Julieta* seja de

1595, data do início de seu período lírico, sendo as duas possibilidades bem próximas.

O gênio de Shakespeare se revela de modo particularmente claro no uso que ele faz de sua fonte virtualmente única, o poema que o medíocre poeta Arthur Brooke afirma ter sido primeiramente escrito em italiano por Bandello, *The Tragic History of Romeu and Juliet*. As sementes da trama de Romeu e Julieta são remotas: no século III, em uma historieta grega, pela primeira vez uma mulher recorre à poção que simula a morte para escapar a um segundo casamento com o marido vivo, mas o tema se torna realmente popular na Renascença; em 1476, em *Il Novellino*, de Masuccio, o veneno já é ministrado por um frade. Mas é na *Historia novellamente ritrovata di due nobili amanti*, de Luigi da Porto, publicada em 1530, que a história se apresenta com considerável semelhança à de Shakespeare: os amantes são nobres, a cena é em Verona, as famílias são Montecchi e Cappulletti. A diferença é que Julieta se apaixona primeiro e é bastante oferecida; mas o desenvolvimento é semelhante. Adrien Sevin faz uma adaptação francesa em 1542, Luigi Groto publica uma peça em 1578. Mas a linha que resulta em Brooke e Shakespeare é a da história de Romeu e Julieta em *Leo Novelle del Bandello* (1554), cuja intenção era a de “advertir os jovens que eles devem governar seus desejos e não cair em paixões furiosas”, traduzida para o francês por Boaistuau; a história vai adquirindo riqueza cada vez maior de detalhes, mas a versão que nos interessa é a de Brooke.

O longo poema inglês (3.020 versos), publicado em 1562, alcançou enorme popularidade (como o prova ter tido em pouco tempo mais duas edições, em 1582 e 1587), e ofereceu a Shakespeare não só toda a trama de sua tragédia, como fartíssimas informações sobre a Itália, Verona, hábitos sociais e mil outros detalhes úteis para a criação da peça. As diferenças são a de visão autoral e de objetivos. O texto de Brooke é precedido, em sua primeira edição, por um “Address to the Reader” que expressa os sentimentos e as intenções do poeta ao elaborar o seu *Romeo and Juliet*. Depois de um complexo início onde discorre sobre a obrigação que tem o homem de louvar a Deus por tudo o que criou, ele fala mais especificamente de sua história e diz: “O glorioso triunfo do homem

que se contém quanto aos prazeres da luxúria da carne, encoraja os homens a evitar as afeições loucas, os finais vergonhosos e desgraçados daqueles que escravizaram sua liberdade aos desejos sórdidos, e ensina o homem a abster-se de cair de cabeça na perdição da desonestidade. Com o mesmo efeito, por vias diversas, o exemplo do homem bom chama os homens a serem bons, e a maldade do homem mau adverte os homens a não serem maus. Para tal bom fim servem todos os maus começos. E para tal fim (bom leitor) é escrita esta matéria trágica, para descrever para ti um casal de amantes infelizes, que foi escravizado pelo desejo desonesto, desrespeitando a autoridade e o conselho de pais e amigos, constituindo seus principais conselheiros alcoviteiras bêbadas e frades supersticiosos (os instrumentos próprios da falta de castidade), que experimentam todas as aventuras do perigo para atingir sua desejada luxúria, usando a confissão auricular (chave para toda prostituição e traição) para propiciar seus objetivos, e desrespeitando o honrado nome do casamento legal para acobertar a vergonha dos encontros roubados, finalmente, por todos os meios da vida desonesta, apressando a mais infeliz das mortes.” Como Shakespeare, antes do início da ação Brooke inclui um soneto de apresentação (petrarquiano de forma, não um catorzain como o de Shakespeare) que apenas descreve a ação em detalhe, afirmando inclusive que o jovem casal ficou casado e se encontrando escondido por nada menos que três meses antes do episódio da morte de Teobaldo e do exílio de Romeu.

A transformação que Shakespeare opera ao compor sua tragédia é tão mais notável por não implicar qualquer maior alteração para a trama — a Ama fica mais cômica, o personagem de Mercúcio é criação sua, mas a história é rigorosamente a mesma. A diferença está no ponto de vista autoral, na postura de Shakespeare em relação aos seus protagonistas. Em lugar da moralizante condenação da juventude por não obedecer a seus pais e por ouvir alcoviteiras e frades, a ênfase da tragédia shakespeariana vai para o conflito entre as duas famílias, que perturba a ordem da comunidade, como fica bem claro desde o soneto introdutório: as duas casas põem “guerra civil em mão sangrenta” e o par de amantes “com sua morte enterra a luta de antes”. Os amantes

nascem “como má estrela”, porém a ação mostra muito claramente que essa má estrela é o ódio entre Capuletos e Montéquios, e “A triste história desse amor marcado e de seus pais o ódio permanente, só com a morte dos filhos terminado” fala bem alto ao poeta que, ao longo de toda a sua carreira, dedicou sua mais profunda preocupação ao bem-estar da comunidade, produto da paz e do bom governo. Romeu e Julieta, a par de contar uma história de amor, é transformada também em magistral sermão contra os males da guerra civil.

O contraste entre a mediocridade de Brooke e a genialidade de Shakespeare fica evidente no uso que cada um dos dois faz exatamente da mesma trama; em lugar do míope moralismo do primeiro, o Romeu e Julieta do segundo transforma tudo em doloroso conflito entre o ódio e o amor, e os dois jovens amantes morrem não por desobedecerem a seus pais, mas por serem vítimas da sangrenta luta entre suas duas famílias, de um ódio cuja origem jamais é identificada. Nada tão magistral quanto a redução do tempo da ação a quatro dias, durante os quais a intensidade da emoção e a brevidade do tempo impedem que haja algum esclarecimento salvador. De certo modo, o amor é tão injustificado quanto o ódio, isto é, ele acontece em um instante, sem que nem Julieta nem Romeu o planejassem ou sequer esperassem: Romeu só vai à festa dos Capuletos na esperança de ver Rosalina, enquanto Julieta, quando a mãe lhe pergunta o que acha da possibilidade de um casamento, responde tranquilamente:

É honra com que nunca ousei pensar.

e sua ingenuidade a respeito do amor é tão grande que, insistindo a senhora Capuleto sobre o assunto, diz sobre a possibilidade de amar Páris.

*Porém mais longe eu nunca hei de ir.
Que o voo que a senhora consentir.*

O amor, como sempre em Shakespeare, entra pelos olhos, e é claro que uma vez apaixonada não ocorre mais a Julieta indagar até que ponto deverá ir esse amor, ou se sua mãe dará permissão para ele.

O amor amadurece em um instante a menina Julieta e, desde o primeiro momento, nem ela nem Romeu têm qualquer dúvida a respeito do seu amor, muito embora ambos tenham consciência do perigo que representa para eles o ódio familiar — consciência esta que sem dúvida serve para torná-los ainda mais precipitados em sua emoção.

Romeu e Julieta é a única tragédia lírica de Shakespeare, mas não podemos deixar de notar, por isso, a presença de vários elementos reveladores da influência de Sêneca como o pressentimento de Romeu antes de entrar na festa:

*A minha mente teme
Algo que, ainda preso nas estrelas,
Vai começar um dia malfadado
Com a festa dessa noite, e ver vencido
O termo desta vida miserável
Com a pena vil da morte inesperada.*

ou como as mortes violentas de Mercúcio e Teobaldo, o clima assustador do monumento dos Capuletos, ou o peso do acaso e da fatalidade. Quanto ao acaso, no entanto, é preciso lembrar como o atraso do frade com a carta, por causa da peste, seria plausível para a plateia elisabetana, já que a peste continuava endêmica e fazia ainda pouco (entre 1592 e 1594) mantivera os teatros de Londres fechados por quase dois anos.

Essa violência, no entanto, é banhada no lirismo do diálogo, e o clima especial da obra, do fulgurante amor entre os dois jovens, transparece na imensa quantidade de imagens de luz, luz contrastada com o escuro que não é amor. O rosto de Julieta vai ensinar as tochas a brilhar; se seus olhos brilhassem no lugar de estrelas, os pássaros cantariam como ao dia; Romeu é a luz para ela, e quando morrer ele deve ser retalhado em estrelas. O amor e a juventude são luz; a tristeza e a dor são sombrias, são o sol que se põe ou que não quer nascer. Há a imagem do brilho do sol, das estrelas, de luar, velas, tochas, da rapidez da luz do raio; há a imagem da escuridão que chega, de nuvens, sombra, noite. Mas é tudo muito complexo, porque os grandes momentos de felicidade (o

encontro, a cena do balcão, a despedida) vêm na noite — e, naturalmente, a iluminam, enquanto os conflitos, mortes e o banimento dão-se de dia. O sol claro parece ser a luz do ódio, não do amor.

Já disse um crítico que Romeu e Julieta pertence a um período no qual Shakespeare ainda “não deixava nada sem ser dito” e, realmente, as tragédias da maturidade são mais elípticas em sua linguagem; Shakespeare aqui ainda usa muita rima, o que o leva a elaborar um soneto para marcar o primeiro diálogo dos jovens. E é memorável o que o poeta faz para mostrar o quanto Romeu muda ao conhecer Julieta: há todo um exagero de ornato em suas falas quando ele se tem como apaixonado por Rosalina e, na verdade, ele quase que só fala de si mesmo; mas a partir do baile seu discurso se altera, Romeu se concentra em Julieta e fica bem mais objetivo; compreensivelmente, na cena do banimento ele tem uma recaída de descontrole verbal, mas no final, novamente é dela que ele fala.

Afora os dois protagonistas, muito bem-desenhados, Romeu e Julieta tem ainda outras figuras marcantes: como irretocável preparação para a poção cataléptica que Julieta irá tomar, Frei Lourenço é apresentado como competente herbalista, profundo conhecedor dos segredos da natureza, bem como perspicaz e compreensivo observador de comportamentos humanos; a Ama é não só a criada antiga na casa que já abusa de sua intimidade, mas também exhibe, desde o início, um desdém, uma tendência para o grosseiro, que explicam sua insensibilidade moral em relação ao proposto segundo casamento de Julieta. Menos detalhado, mas significativo, é Teobaldo, que deixa bem claro o fato de em cada geração aparecer ao menos um indivíduo cujo temperamento conduz à preservação do ódio entre as casas. E, naturalmente, Mercúcio: como Romeu e Julieta, ele representa alegria, juventude, amor e vida, e como os dois amantes, é sacrificado pelo ódio que maltrata a cidade; ele é brincalhão, ágil de corpo e pensamento, mostra-nos a alegre vida que Verona poderia ter sem a luta sangrenta e gratuita entre Montéquios e Capuletos. Páris, que não pertence a nenhum dos dois partidos, é discreto, mas os velhos chefes das duas famílias e suas mulheres, mesmo cansados da

luta, acabavam envolvidos por ela. A contínua preocupação de Shakespeare com o bom governo faz com que a íntegra figura de Éscalus, o Príncipe, seja desde o início radicalmente contra o conflito, e ainda se lamente, no final, por não ter sido ainda mais enérgico.

Romeu e Julieta não é nem a melhor nem a mais consagrada das obras de Shakespeare, porém poucos contestarão que seja — e merecidamente — a mais amada.

Barbara Heliodora

Dramatis personae

Éscalus, Príncipe de Verona.

Mercúcio, jovem fidalgo, parente do príncipe e amigo de Romeu.

Páris, jovem fidalgo parente do príncipe.

Pajem de Páris

Montéquio, chefe de família veronesa em luta contra os Capuletos.

Senhora Montéquio

Romeu, filho de Montéquio.

Benvólio, sobrinho de Montéquio e amigo de Romeu e Mercúcio.

Abraão, criado de Montéquio.

Baltasar, criado de Romeu.

Capuleto, chefe de família veronesa em luta com os Montéquios.

Senhora Capuleto

Julieta, filha de Capuleto.

Teobaldo, sobrinho da senhora Capuleto.

Primo de Capuleto, um senhor idoso.

Ama, criada dos Capuletos, ama de leite de Julieta.

Pedro, criado dos Capuletos a serviço da Ama.

Sansão

Gregório

da casa dos Capuletos,

Antônio

Cuca

Criados

Frei Lourenço

da Ordem dos Franciscanos.

Frei João

Um Boticário, de Mântua.

Três Músicos (Simão Viola, Hugo Rabeca, João do Grito).

Integrantes da guarda, cidadãos de Verona, mascarados, pajens, portadores de tochas, criadagem.

Coro.

A Cena: A ação se passa em Verona e Mântua.

Prólogo

(Entra o Coro.)

Coro

Duas casas, iguais em seu valor,
Em Verona, que a nossa cena ostenta,
Brigam de novo, com velho rancor,
Pondo guerra civil em mão sangrenta.
Dos fatais ventres desses inimigos
Nasce, com má estrela, um par de amantes,
Cuja derrota em trágicos perigos
Com sua morte enterra a luta de antes.
A triste história desse amor marcado
E de seus pais o ódio permanente,
Só com a morte dos filhos terminado,
Duas horas em cena está presente.
Se tiverem paciência para ouvir-nos,
Havemos de lutar pra corrigir-nos. (Sai.)

Ato I

Cena I

(Entram Sansão e Gregório, com espadas e escudos, da casa dos Capuletos.)

Sansão

Gregório, desaforo não se engole.

Gregório

Senão teremos fama de gulosos.

Sansão

Mas saiba que, com raiva, eu puxo a espada.

Gregório

Depois a corda puxa o seu pescoço.

Sansão

Bato na hora, sendo provocado.

Gregório

Mas pra ser provocado leva horas.

Sansão

Por qualquer cão Montéquio eu salto logo.

Gregório

Saltar é desviar; o valente é firme portanto, se você desviar, está fugindo.

Sansão

Meu salto, para um cão desses, é pra firmar. Fico com as costas protegidas em frente a qualquer moço ou moça dos Montéquios.

Gregório

O que mostra que és safado e fraco, pois é o mais fraco que fica de costas para a suas moças para a parede.

Sansão

Isso é verdade, e é por isso que as mulheres, a parte fraca, acabam empurradas para a parede; então eu tiro a parede dos Montéquios, mas empurro suas moças para a parede.

Gregório

A briga é entre os nossos amos, e nós, que somos seus homens.

Sansão

Tanto faz. Vou bancar o tirano: depois de brigar com os homens, vou ser civil com as donzelas, cortando as suas cabeças.

Gregório

As cabeças das donzelas?

Sansão

Cabeças ou cabaços; dê o sentido que quiser.

Gregório

Elas terão de dar o sentido que sentirem.

Sansão

A mim elas vão sentir enquanto eu me aguentar ereto; e todos me conhecem como um bom pedaço de carne.

Gregório

Que não é peixe, todos sabem; se fosse, era comida de abstinência. Mas pode puxar a sua arma — lá vem o pessoal dos Montéquios.

(Entram dois criados, Abraão e Baltasar.)

Sansão

Minha arma já está de fora. Brigue que eu lhe cubro as costas.

Gregório

Como? Dá as costas e foge?

Sansão

Ora, não tenha medo.

Gregório

Nossa! Eu, com medo de você?

Sansão

Vamos ficar com a lei. Eles que comecem.

Gregório

Vou amarrar a cara quando passarem, e eles que entendam como quiserem.

Sansão

Ou como ousarem. Eu vou morder o dedão para eles, e será a maior vergonha se eles aturarem.

Abraão

Senhor, está mordendo o polegar para nós?

Sansão

Estou mordendo o meu polegar, sim, senhor.

Abraão

Mas está mordendo para nós?

Sansão

A lei fica do nosso lado se eu disser que sim?

Gregório

Não.

Sansão

Não, senhor; não mordo meu polegar para o senhor, mas mordo o meu polegar.

Gregório

Está procurando briga, senhor?

Abraão

Briga, senhor? Não, senhor.

Sansão

Quando estiver, estou à sua disposição. Sirvo homem tão bom quanto o que serve.

Abraão

Mas não melhor.

Sansão

Bem, senhor...

(Entra Benvólio.)

Gregório

Diga “melhor”; aí vem um parente do meu amo.

Sansão

Sim, senhor; melhor.

Abraão

Mentiroso.

Sansão

Saquem, se são homens. Gregório, lembre-se daquele golpe atravessado.

(Lutam.)

Benvólio

Parem, tolos, e guardem as espadas, pois nem sabem o que fazem.
(Entra Teobaldo.)

Teobaldo

De espada em punho pr'essas coelhinhas?

Aqui, Benvólio; e encare a sua morte.

Benvólio

Eu só busco a paz; guarde essa espada,

Ou use-a pra apartar esses rapazes.

Teobaldo

Falas de paz, armado? Odeio o termo,

Como a ti, ao inferno e aos Montéquios.

Tome, covarde.

(Eles lutam.)

(Entram três ou quatro cidadãos, com paus ou facões.)

Cidadãos

Com cacetes, ou com facões, ataquem!

Abaixo Capuletos e Montéquios!

(Entram o velho Capuleto, com manto longo, e a senhora Capuleto.)

Capuleto

O que foi? Deem-me aqui a minha espada!

Sra. Capuleto

Uma muleta! Mas pra que espada?

(Entram o velho Montéquio e a senhora Montéquio.)

Capuleto

A minha espada, que lá vem Montéquio

Brandindo a lâmina pra me insultar.

Montéquio

Capuleto vilão! Deixem-me ir!

Sra. Montéquio

Mais nem um passo em busca de inimigos.

(Entra o Príncipe Éscalus com o seu séquito.)

Príncipe

Maus cidadãos, inimigos da paz,
Que profanais com aço o sangue irmão!
Não me ouvireis? Sois homens ou sois feras,
Já que apagais o fogo deste ódio
Com o jato que vai rubro de vós mesmos?
Sob pena de tortura ora arrancai
Das mãos sangrentas vossas armas vis,
E ouvi o vosso príncipe indignado.
Três lutas fraticidas, por palavras
Ditas por vós, Montéquio e Capuleto,
Três vezes perturbaram nossas ruas,
Fazendo os anciãos desta Verona
Pegar nas velhas mãos podres de paz
As velhas armas contra esse ódio podre.
Se uma vez mais as ruas agitardes,
As vossas vidas pagarão a paz.
Por hoje, que se afastem daqui todos!
Vós, Capuleto, podeis vir comigo;
E vós, Montéquio, vireis hoje à tarde
Até o tribunal de julgamento
Pra receber a solução do caso.
Que partam todos, pois a pena é morte!

(Saem todos menos Montéquio, a senhora Montéquio e Benvólio.)

Montéquio

Quem reabriu a nossa luta antiga?
Fale, sobrinho; viu desde o começo?

Benvólio

Vários criados de seus inimigos
E dos seus já brigavam quando entrei.

Eu tentava apartá-los quando, então,
O fogoso Teobaldo, já armado,
Sacudiu a espada e me insultou,
Cortando o ar acima da cabeça,
Que, ileso, contentou-se em sibilar.
Em meio a nossos golpes e paradas
Foi chegando mais gente e assim, mais briga,
Até que o príncipe veio apartar.

Sra. Montéquio

Onde está Romeu? Já o viu hoje?

Benvólio

Já bem antes que o Sol, minha senhora,
Olhasse na janela do oriente,
Estando inquieto, eu saí para andar,
E ali no bosque, sob os sicômoros
Que crescem à direita da cidade,
Assim tão cedo eu encontrei seu filho.
Quis chegar-me, porém ele fugiu,
Indo esconder-se bem em meio às árvores.
Julgando pelos meus os seus afetos,
Sempre buscados onde não se encontram,
Sentindo-me demais até sozinho,
Busquei meus sentimentos, não os dele.
E evitei, com alegria, quem fugia.

Montéquio

Tem sido visto ali muitas manhãs,
Acrescendo ao orvalho suas lágrimas,
Nublando as nuvens com suspiros fundos;
Porém tão logo o sol, com alegria,
Afasta do oriente mais distante
O reposteiro do leito de Aurora,
Meu triste filho esconde-se da luz
E bem sozinho tranca-se em seu quarto,
Fecha as janelas afastando o dia,
Criando noite falsa para si.
O seu humor só pode piorar,
Se um bom conselho não o faz mudar.

Benvólio

Meu nobre tio, não conhece a causa?

Montéquio

Não a conheço, e ele não diz nada.

Benvólio

O senhor já tentou todos os meios?

Montéquio

Não só eu como inúmeros amigos.

Mas ele, conselheiro do que sente,

Fica só — e eu não sei se pra seu bem —

Tão secreto em si mesmo, tão fechado,

Tão fugidio e infenso à descoberta

Quanto o botão mordido pelo verme

Antes que possa abrir-se para o ar,

Ou dedicar ao Sol sua beleza.

Sabendo a causa desse seu penar,

Poderia saber como o curar.

(Entra Romeu.)

Benvólio

Aí vem ele. Cheguem para lá;

Não admito não saber o que há.

(Saem Montéquio e a senhora Montéquio.)

Benvólio

Bom-dia, primo.

Romeu

O dia inda é tão jovem?

Benvólio

Já são nove horas.

Romeu

São longas as tristes.

Foi meu pai quem saiu, assim, depressa?

Benvólio

Foi. E o que alonga as horas de Romeu?

Romeu

A falta do que torna as horas curtas.

Benvólio

Amor?

Romeu

Sua falta.

Benvólio

Do amor?

Romeu

Das graças da que tem o meu amor.

Benvólio

Pena que o amor, tão lindo de se olhar,

Seja tirano pra se experimentar.

Romeu

É pena que o amor, de olhar velado,

Mesmo cego descubra o desejado.

Onde ceamos? Houve briga aqui?

Não me conte; essa história eu já conheço:

Trata muito de ódio, e mais de amor

Então, amor odiento, ódio amoroso,

Oh qualquer coisa que nasceu do nada!

Densa leveza, vaidade tão séria

Caos deformado de bela aparência!

Pluma de chumbo, fumaça brilhante,

Fogo frio, saúde doentia,

Sono desperto que nega o que é!

Esse amor sem amor é o que eu sinto.

Não se ri?

Benvólio

Ora, primo; eu quase choro.

Romeu

Por que, meu caro?

Benvólio

Por sua opressão.

Romeu

A transgressão do amor é sempre assim.

Meu peito já carrega tanta dor,
Que o seu enxerto só a faz maior,
Levando a sua. A afeição que mostrou
Mais aumenta a tristeza que hoje eu sou.
O amor é fumo de um suspiro em chama
Que faz brilhar os olhos de quem ama;
Contrariado, é um mar feito de lágrimas;
E o que mais? Critério na loucura,
Trago de fel que preserva a doçura.
Meu primo, adeus.

Benvólio

Que é isso? Eu também vou.
Deixar-me aqui, assim, me machucou.

Romeu

Estou perdido e nem estou aqui;
Quem é Romeu só vaga por aí.

Benvólio

Bem triste, conte quem é seu amor?

Romeu

Devo gemer, então, para contar?

Benvólio

Gemer? Por quê? É só dizer quem é.

Romeu

A um doente alguém pede testamento?
É termo que não vai com o sofrimento.

Benvólio

Mirei bem, ao julgá-lo apaixonado.

Romeu

Tem boa pontaria, e ela é bela.

Benvólio

Um belo alvo é fácil de alcançar.

Romeu

Errou; ela não me deixa acertar
Coma flecha de Cupido, ela é Diana,

Armada fortemente em castidade,
Pra com Cupido ter impunidade.
Não cede ao cerco das palavras ternas,
Nem aos golpes do assalto dos olhares,
E nem ao ouro que seduz os santos.
É rica de beleza; sua indigência
'Stá em morrer sem deixar descendência.

Benvólio

Jurou viver pra sempre casta e pura?

Romeu

Jurou; e é desperdício uma tal jura;
Pois beleza com tal austeridade
Rouba beleza da posteridade.
Bela e sábia demais, por que seu fado
A faz feliz 'stando eu desesperado?
Abjurou o amor, e por fazê-lo,
É morto em vida quem vive a dizê-lo.

Benvólio

Ouçá o que digo: é melhor esquecê-la.

Romeu

Então me ensine a como não pensar.

Benvólio

Dando a seus olhos toda a liberdade,
Observe outras belezas.

Romeu

Só se for

Pra remoer a sua, tão extrema.

As máscaras que beijam nossas damas,
Negras, sugerem ocultas belezas;
Quem ficou cego nunca mais esquece

Os tesouros perdidos com a visão.
Mostre-me alguma moça bonitinha;
De que serve o seu rosto senão para
Nele eu ler que há beleza bem maior?
Adeus, eu não aprendo a esquecer.

Benvólio

Pois eu hei de ensinar-lhe, ou então morrer.

(Saem.)

Cena II

(Entram Capuleto, Páris e um criado.)

Capuleto

Montéquio 'stá tão preso quanto eu,
Por penas semelhantes, e não custa
A velhos como nós manter a paz.

Páris

Os senhores são ambos muito honrados
E é pena que essa luta dure tanto.
Mas o que diz, senhor, ao meu pedido?

Capuleto

O mesmo que já disse outra vez.
A minha filha não conhece o mundo,
Não completou sequer 14 anos.
Mais dois verões eu quero ver passar
Antes de achá-la pronta pr'o altar.

Páris

Outras, mais moças, já são mães agora.

Capuleto

E sofrem pela pressa dessa hora,
Na terra eu enterrei todos os outros:
Ela é tudo o que eu tenho aqui na terra.
Mas, bom Páris, procure conquistá-la,
Meu voto é parte da vontade dela;
E ela concorda que, ao decidir,
Tenha eu direito à voz pra permitir.
Hoje eu dou uma festa costumeira
Para a qual temos muitos convidados,
Dentre os que amo, em meio aos quais você
Mais um, bem-vindo, que aumenta a lista.
Em meu modesto lar hoje há de ver
Astros terrenos clareando o céu:
Tudo o que agrada a um saudável rapaz,
Quando abril já em festa vem atrás

Do inverno que se arrasta, tais valores
Você verá, entre as donzelas-flores,
Em minha casa. Olhe e ouça bem,
E escolha a que maior mérito tem;
Entre muitas, a minha comparece;
É uma, verifique o que merece.
Vem comigo. (para o criado) Pajem, vá, urgente,
Procurar em Verona toda a gente
Escrita aqui; e dê o meu recado
A cada um, que 'stá sendo esperado.

(Saem Capuleto e Páris.)

Criado

Procurar todos os que estão escritos aqui. Está escrito que o sapateiro só deve se meter com seu metro, o alfaiate com sua forma, o pescador com seu pincel e o pintor com sua rede, mas a mim mandam encontrar a gente que tem o nome escrito aqui, quando eu não sei descobrir que nomes a pessoa escrevinhadora escreveu aqui. Preciso encontrar um sábio. Bem na hora.

(Entram Benvólio e Romeu.)

Benvólio

Ora, uma chama apaga outra chama,
Cada angústia reduz uma outra dor:
Alegre-se com a dor que hoje reclama,
O desespero cura a dor menor.
Pegue nova infecção no seu olhar,
Que o seu veneno a outra há de matar.

Romeu

Folha de plátano é que é bom pra isso.

Benvólio

Para o quê?

Romeu

Pra canela fraturada.

Benvólio

Está louco, Romeu?

Romeu

Não louco, mas mais preso que um lunático:

Na cadeia, privado de alimento,

Surrado, e torturado e... Salve, homem.

Criado

Que Deus lhes dê bom-dia. Sabe ler?

Romeu

Até o meu mau fado, na miséria.

Criado

Talvez tenha aprendido a ler sem livros. Mas, por favor, o senhor sabe ler qualquer coisa que veja?

Romeu

Se conhecer as letras e a língua.

Criado

Resposta honesta. Passe muito bem.

Romeu

Espere aí, rapaz. Eu sei ler. (*Lê a carta.*)

Signor Martino, sua mulher e filhas;

Conde Anselmo e suas belas manas;

A ilustre viúva de Utrúvio;

Signor Placentio e as lindas sobrinhas;

Mercúcio e seu irmão Valentino;

Meu tio Capuleto, mulher e filhas;

Minhas sobrinhas Rosalina e Lívia;

Signor Valêncio e seu primo Teobaldo;

Lúcio e a vivaz Helena.

Belo grupo; aonde devem ir?

Criado

Para cima.

Romeu

Onde vão cear?

Criado

Em nossa casa.

Romeu

Casa de quem?

Criado

Do meu amo.

Romeu

Devia ter perguntado isso antes.

Criado

Eu conto sem o senhor perguntar. Meu amo é o rico Capuleto, e se o senhor não for da casa dos Montéquios, peço-lhe que venha entornar um copo de vinho. E passe muito bem. (Sai.)

Benvólio

Na festa da família Capuleto

Vai cear Rosalina, o seu amor,

Junto com outras belas de Verona.

Vá até lá, e com olhar isento

Olhe outros rostos; juro, sem rodeio —

Que farão de seu cisne um pato feio.

Romeu

No dia em que meus olhos devotados

Forem falsos, que o pranto queime em pira,

E que eles, tantas vezes afogados,

Agora hereges, queimem por mentira.

Mais bela que a que amo? O sol que brilha

Em outra jamais viu tal maravilha.

Benvólio

85 Ela é bonita em sua solidão,

Comparada a si mesma em sua visão;

Mas sendo por dois cristais pesada,

Sua dama com outra, apresentada

Brilhando nessa festa, hoje, por mim,

90 Não há de parecer tão linda assim.

Romeu

Eu irei, não pra ver tal expoente,

Mas pra, com a minha, ficar mais contente.

(Saem.)

Cena III

(Entram a senhora Capuleto e a Ama.)

Sra. Capuleto

Onde está minha filha? Chame-a, Ama.

Ama

Por minha virgindade aos 12 anos,

Já a chamei. Querida! Carneirinho!

Deus me livre! Onde está? Cadê, Julieta!

(Entra Julieta.)

Julieta

Aqui estou; quem me chama?

Ama

A sua mãe.

Julieta

Senhora, aqui estou; o que deseja?

Sra. Capuleto

É o seguinte; oh Ama, saia um pouco.

O assunto é secreto. Ama, volte!

Pensei melhor; preciso do seu conselho,

Conhece minha filha desde o berço.

Ama

Eu sei até a hora em que nasceu.

Sra. Capuleto

Não fez 14 anos.

Ama

Por 14

Destes meus dentes — que são quatro — eu juro

Que ela não fez 14. O quanto falta

Para um de agosto?

Sra. Capuleto

Mais uns vinte dias.

Ama

Por mais ou menos, neste mesmo ano,
No dia um, à noite, faz 14.
Susana e ela — Deus nos salve a todos —
Nasceram juntas. Ela foi pro céu.
Eu não a merecia. Como eu disse,
Em agosto ela faz 14 anos.
Isso mesmo, eu me lembro muito bem.
Faz 11 anos que tremeu a terra,
E ela desmamou — nunca me esqueço —
Do ano inteiro, bem naquele dia.
Eu passei óleo amargo no meu peito
E sentei, bem ao sol, junto ao pombal.
A senhora e o patrão — 'stavam em Mântua —
A cachola está boa. Como eu disse,

Quando sentiu no seio o óleo amargo,
A pombinha achou ruim, achou amargo,
Fez cara feia e brigou com meu peito.
O pombal sacudiu! Nem precisei
Repetir a receita.
E desde então passaram-se 11 anos.
Juro por Deus que já ficava em pé,
Já andava e corria por aí,
Pois nesse dia bateu com a cabeça;
E então meu marido — Deus o tenha —
Ele era muito alegre — levantou-a,
Dizendo — “Mas se cai assim, de cara?
Quando souber das coisas, cai de costas,
Não é, Julinha?” E por tudo o que é santo,
A boba ficou quieta e disse “É.”
Vejam só como os chistes aparecem!
Nem que viva mil anos, eu lhes juro,
Eu hei de me esquecer, “Não é, Julinha?”
E a boba, sem chorar, responder: “É.”
Sra. Capuleto
Agora, chega. Por favor, silêncio.

Ama

Sim, senhora, mas é mesmo de rir
Ela não chora, mais, e dizer: “É.”
E eu garanto que, bem aqui na testa,
Tinha um inchaço que até parecia
Colhão de galo, e que doía muito.
E ele disse: “Cai assim, de cara?
Quando crescer só vai cair de costas,
Não é, Julinha?” E ela disse: “É.”

Julietta

Pois hoje eu digo: “Ama, agora chega.”

Ama

Pronto, acabei. Que Deus a abençoe,
Nunca criei menina tão bonita.
Se viver pra ver seu casamento,
É o meu sonho.

Sra. Capuleto

Pois casamento é justamente o tema
Desta conversa. Diga-me aqui, Julietta,
Como se sente quanto ao casamento?

Julietta

É honra com que nunca ousei sonhar.

Ama

Uma honra. Não fosse eu sua ama,
E diria que o juízo vem do peito.

Sra. Capuleto

Pois pense nele. Mocinhas mais jovens
Que você, na nobreza de Verona,
São hoje mães. Pelas minhas contas,
Eu era sua mãe, com a mesma idade
Que você tem de solteira. Enfim,
O nobre Páris quer o seu amor.

Ama

Um homem, moça. Um homão, senhora,
Que no mundo... ele serve de modelo.

Sra. Capuleto

A fina flor do verão de Verona.

Ama

Uma flor, mesmo; ele é uma flor.

Sra. Capuleto

Que diz? Será capaz de amá-lo?

Hoje à noite irá vê-lo em nossa festa.

Estude o livro do rosto de Páris,

Escrito pela pena da beleza.

Repare na harmonia das feições,

Pois cada uma embeleza a outra;

E se algo fica obscuro no volume,

As notas no olhar aclaram tudo.

Esse livro do amor, com as folhas soltas,

Pra perfeição precisa só de capa.

O peixe é pro mar. É erro eterno

A beleza ocultar o belo interno;

Visto por muitos, um livro tem glória,

Porque abraça o tesouro de uma história:

Compartilhando do que ele possui,

Ao tê-lo, você não se diminui.

Ama

Aumenta, que a mulher cresce com o homem.

Sra. Capuleto

Diga: o amor de Páris lhe agrada?

Julieta

Sim, se ao olhar sentir-me apaixonada.

Porém mais longe eu nunca hei de ir,

Que o voo que a senhora consentir.

(Entra um criado.)

Criado

Senhora, os convidados chegaram, a ceia está servida, a senhora foi chamada, procuram a patroinha, na copa xingam a Ama, e tudo está uma loucura. Tenho de correr para servir, e imploro que venha logo. (Sai.)

Sra. Capuleto

Julieta, o conde aguarda, e com ardor.

Ama

Com noite boa, o dia é bem melhor. (*Saem.*)

Cena IV

(Entram Romeu, Mercúcio, Benvólio, com cinco ou seis outros mascarados e portadores de tochas.)

Romeu

Vamos usar a fala que ensaiamos?
Ou entramos sem desculpa?

Benvólio

Não 'stá na moda dizer muita coisa.
Não há Cupido aqui, de olhos velados,
Com arco oriental feito de ripas,
Como espantalho a assustar as moças;
Nem prólogo sem texto, atrapalhando,
A esperar o ponto, pra entrarmos.
Que eles nos meçam pelo que quiserem,
Nós dançamos um pouco e já sumimos.

Romeu

Eu não quero brincar; deem-me uma tocha;
Por estar tão sombrio, eu levo a luz.

Mercúcio

Nada disso, Romeu; tem de dançar.

Romeu

Creia-me, eu não. Mas você tem sapatos
De alma leve, mas a minha alma é de chumbo.
Grudado ao chão, mal posso caminhar.

Mercúcio

Mas amante pede asas a Cupido
Pra voar muito acima disso tudo.

Romeu

A sua flecha foi tão fundo em mim
Que não dá pr'eu voar com suas penas.
Não alcança mais alto que um suspiro,
'Stou me afogando ao peso desse amor.

Mercúcio

Quando vai fundo, o amor é sempre um [peso —
E sempre oprime algo de delicado.

Romeu

O amor é delicado? É antes bruto,
Rude demais, e espeta como um espinho.

Mercúcio

Se é rude com você, faça-lhe o mesmo;
Se o furou, fure alguém que ele se aquieta.
Deem-me uma caixa pr'eu guardar meu rosto;
Uma cara por outra. O que me importa
Que curiosos vejam meus defeitos?

Benvólio

Vamos bater e entrar; uma vez dentro,
Cada um fica entregue às próprias pernas.

Romeu

Quero uma tocha. Que corações leves
Usem seus calcanhares insensíveis.
Como um ditado velho já dizia —
Seguro a vela e fico só olhando.
É hora de pensar, 'stou acabando.

Mercúcio

Bando é de rato, até segundo a lei.
Se virou rato, nós vamos puxá-lo
Pra fora desse charco que é o amor,
E onde está afundando. Vamos logo.

Romeu

Não é bem isso.

Mercúcio

Eu quis dizer atraso.
Gastamos vela pr'acender o dia.
Vale a intenção, cujo siso tem sido
Cinco vezes maior que o de um sentido.

Romeu

Vamos à festa com boa intenção.
Mas não é muito certo.

Mercúcio

E por que não?

Romeu

Eu hoje tive um sonho.

Mercúcio

E eu também.

Romeu

Sonhou o quê?

Mercúcio

Que os sonhos mentem bem.

Romeu

Para quem dorme, o sonho é de verdade.

Mercúcio

Porque Mab, a rainha, o visitou.

É a parteira das fadas e aparece

Como uma ágata pequeninha

No dedo indicador de um conselheiro.

Puxada por um par de vermezinhas

A correr no nariz do adormecido.

Uma casca de noz lhe faz de carro,

Feito por um esquilo carpinteiro;

Que sempre foi carreteiro das fadas.

As varas são perninhas de uma aranha,

Asas de gafanhoto sua cobertura;

As rédeas vêm de teias pequeninas,

E a canga, de réstias de luar.

O seu chicote é um ossinho de grilo,

Que não é nem metade do bichinho

Que uma donzela tira do dedinho;

Assim cavalga ela pela noite

E, atravessando o cérebro do amante,

Faz nascer ali sonhos de amor;

Nos joelhos dos nobres, cortesias,

No dedo do advogado, grandes ganhos;

Os lábios das donzelas sonham beijos,

Mas Mab, zangada, faz nascerem bolhas

Nos que encontra borrados por bombons.

Se pesa no nariz de um cortesão,

Ela sonha com o cheiro de favores;
Às vezes passa o rabo de um leitão
Pelo nariz de um cura adormecido,
E o faz sonhar com mais uma prebenda.
Se passa no pescoço de um soldado,
Seu sonho é com a degola do inimigo,
Ou com assaltos, aço e emboscadas,
Ou mares de bebida; e, logo após,
Toca tambor no ouvido, e ele desperta
Assustado e, depois de uma oração,
Dorme de novo. É essa aquela Mab
Que embaraça a crina dos cavalos
E assa as carapinhas dos capetas
Que, penteadas, trazem grandes males.
É essa a velha que, se uma donzela
Adormece de costas, deita em cima
E a ensina a arcar com um peso vivo,
Pra aprender a pesar com outras cargas.
É ela...

Romeu

Agora, chega, paz, Mercúcio.

'Stá falando de nada.

Mercúcio

Eu sei; de sonhos.

Filhos de cérebros desocupados,
Concebidos por fantasias vãs,
Cuja substância não é mais que ar;
Mais frágeis do que o vento, eles seduzem
Inda hoje o seio gélido do norte —
Mas, se irritados, bufam desde lá
E voltam-se pro sul, mais orvalhado.

Benvólio

Esse seu vento, nós é que sopramos:

A ceia está servida; já tardamos.

Romeu

É muito cedo. A minha mente teme
Algo que, ainda preso nas estrelas,

Vá começar um dia malfadado
Com a festa desta noite, e ver vencido
O termo desta vida miserável.
Com a pena vil da morte inesperada.
Que aquele que me guia em meu percurso
Me oriente agora. Vamos, cavalheiros.
Benvólio
Toquem, tambores.

Cena V

(Eles marcham pelo palco e entram criados trazendo toalhas e guardanapos.)

1º Criado

Cadê o Cuca, que não 'stá ajudando a tirar?

Levanta esta bandeja! Raspa aquela outra!

2º Criado

Quando as boas maneiras só dependem das mãos de um ou dois — e nem lavadas — as coisas andam mal.

1º Criado

Afastem os banquinhos, tirem o guarda-louças e cuidado com a baixela. Por favor, guarde marzipã para mim, e, pelo meu bem, faça o porteiro deixar entrar a Susana e a Nélia. Antônio e Cuca!

3º Criado

Estou pronto, rapaz.

1º Criado

Estão te procurando, te chamando, te buscando e te fuçando, no salão.

4º Criado

Não podemos ficar aqui e lá também. Alegria, pessoal! Apertem o passo agora, e que vença o melhor fígado!

(Saem os criados.)

(Entram Capuleto, a senhora Capuleto, Julieta, Teobaldo, a Ama e todos os convidados e convidadas, que se encontram com os mascarados.)

Capuleto

Bem-vindos, nobres, e damas com pés

Livres de calos pra dançar um pouco.

Ah, senhoras, qual de nós

Vai negar-se a dançar? Quem fizer fita

Eu digo que tem calos. Não 'stou certo?

Bem-vindos, cavalheiros. Foi-se o tempo
Em que usei máscara e tinha lábia
Pra murmurar no ouvido de uma dama
Muitos agrados. Já faz muito tempo!
Bem-vindos, cavalheiros! Toquem, músicos!
Espaço no salão! Moças, pra dança!

(A música toca e eles dançam.)

Mais luz, criados; desarmem as mesas;
'Stá muito quente, apaguem esse fogo.
É bom ter uma festa improvisada.
Sente, sente, meu primo Capuleto;
Você e eu já não dançamos mais.
Quanto tempo faz desde que nós dois
Usamos máscaras?
Primo Capuleto
Uns trinta anos.
Capuleto
Nem tanto, homem, não é tanto assim.
É desde o casamento de Lucêncio,
Que agora, quando for em Pentecostes,
Faz 25 anos. Foi então.
Primo Capuleto
Faz mais; o filho já tem mais que isso —
Está com trinta.
Capuleto
Não me diga; é mesmo?
Inda era menor há um par de anos.
Romeu
Quem é a moça que enfeita a mão
Daquele cavalheiro?

Criado
Eu não conheço.
Romeu
Ela é que ensina as tochas a brilhar,

E no rosto da noite tem um ar
De joia rara em rosto de carvão.
É riqueza demais pro mundo vão.
Como entre corvos pomba alva e bela
Entre as amigas fica essa donzela.
Depois da dança, encontro o seu lugar,
Pra co'a mão dela a minha abençoar.
Já amei antes? Não, tenho certeza;
Pois nunca havia eu visto tal beleza.

Teobaldo
Só pela voz eu sei que é um Montéquio.
Rapaz, o meu punhal. (Sai Pajem.) Ousa esse
[escravo
Vir aqui, recoberto com essa máscara,
Pra fazer pouco desta nossa festa?
Por meu sangue, que corre sempre honrado,
Não creio ser matá-lo algum pecado.

Capuleto
Meu primo, por que grita? 'Stá em perigo?

Teobaldo
Aquele é um Montéquio, um inimigo.
Um vilão, que aqui veio com maldade
Pra debochar desta solenidade.

Capuleto
Não é Romeu?

Teobaldo
É; o vilão Romeu.

Capuleto
Fique mais calmo, primo, e deixe-o em paz.
Ele age qual perfeito cavalheiro;
Verona só o honra, na verdade,
Como alguém de virtude equilibrada.

Nem por toda a riqueza da cidade
Eu permito que o insulte em minha casa.
Portanto, paciência; esqueça dele.
É o meu desejo, e por respeito a mim

Seja cortês e desamarre a cara,
Pois tal semblante não convém à festa.

Teobaldo

Mas convém se um vilão está presente.
Não o aturo.

Capuleto

Pois vai aturá-lo.

Rapazinho abusado, eu 'stou mandando.

Sou eu ou é você o amo, aqui?

Vai criar caso com os meus convidados?

Bancar o galo? Ser o homem da casa?

Teobaldo

Mas é uma vergonha.

Capuleto

Agora, chega.

Anda muito atrevido. É uma vergonha?

Você inda me paga. Mas já sei!

Precisa me amolar! Está na hora...

Muito bem, meus amigos!... Sai, frangote,

Quieto, ou... Mais luz! Mais luz!... Ou eu

[garanto

Que eu o acalmo. Alegria, queridos!

Teobaldo

A minha paciência com seus gritos

Me treme a carne, de tantos conflitos.

Eu vou-me embora, mas essa invasão

Que ora adoça há de ter má conclusão... (Sai.)

Romeu

Se a minha mão profana esse sacrário,

Pagarei docemente o meu pecado:

Meus lábios, peregrinos temerários,

O expiarão com um beijo delicado.

Julietta

Bom peregrino, a mão que acusas tanto

Revela-me um respeito delicado;

Juntas, a mão do fiel e a mão do santo

Palma com palma se terão beijado.

Romeu

Os santos não têm lábios, mãos, sentidos?

Julietta

Ai, têm lábios apenas para a reza.

Romeu

Fiquem os lábios, com as mãos unidas;

Rezem também, que a fé não os despreza.

Julietta

Imóveis, eles ouvem os que choram.

Romeu

Santa, que eu colha o que os meus ais imploram.

(Beijam-se.)

Seus lábios meus pecados já purgaram.

Julietta

Ficou nos meus o que lhes foi tirado

Romeu

Dos meus lábios? Os seus é que os tentaram;

Quero-os de volta.

(Beija-a.)

Julietta

É tudo decorado!

Ama

Senhora, sua mãe quer lhe falar.

Romeu

Quem é a sua mãe?

Ama

Ora, rapaz,

Sua mãe é a dona aqui da casa,

Senhora boa, sábia e virtuosa.

Fui eu que amamenteei essa filhinha.

E digo-lhe que aquele que a pegar

Fica rico.

Romeu

Então ela é Capuleto?

Entreguei minha vida ao inimigo.
Benvólio
Vamos, enquanto estamos no esplendor.
Romeu
E a minha inquietação fica pior.
Capuleto
Cavalheiros, não partam agora;
Vamos servir uma ceia modesta.

(Alguém murmura ao seu ouvido.)

É mesmo? Pois eu agradeço a todos.
Obrigado, senhores; boa-noite.
Mais tochas! 'Stá na hora de deitar.
Palavra como está ficando tarde;
Vou descansar.

(Saem Capuleto, a senhora Capuleto, os convidados, as convidadas e os mascarados.)

Julieta
Ama, conhece aquele cavalheiro?
Ama
Ele é filho e herdeiro de Tibério.
Julieta
E aquele, que já vai passar na porta?
Ama
É o jovem Petrúquio, ao que parece.
Julieta
E aquele, atrás, que não entrou na dança?

Ama
Não sei.
Julieta
Vá perguntar seu nome. Se é casado,
Meu leito nupcial é minha tumba.
Ama
O seu nome é Romeu, e é um Montéquio.

Único filho do seu inimigo.

Julietta

Nasce o amor desse ódio que arde?

Vi sem saber, ao saber era tarde.

Louco parto de amor houve comigo,

Tenho agora de amar meu inimigo.

Ama

O que foi?

Julietta

Um versinho que aprendi

Com um par na dança.

(Alguém, fora, chama: “Julietta!”)

Ama

Está indo, senhora.

Venha; as visitas já foram embora.

(Saem.)

Ato II

(Entra o Coro.)

Coro

Mal a antiga paixão agonizava
E o novo amor já quer o lugar dela;
A bela por quem ontem se matava
Junto a Julieta nem sequer é bela.
Agora amado, ama outra vez Romeu,
Ambos presa do aspecto exterior;
Ele leva à inimiga o pranto seu
E ela tira do ódio doce amor.
Inimigo, a Romeu fica vedado
Fazer as juras naturais do amor,
E a ela, apaixonada, não é dada
Ir encontrá-lo, seja onde for.
Mas a paixão, à força, os faz vencer,
Temperando o perigo co'o prazer. (Sai.)

Cena I

(Entra Romeu, só.)

Romeu
Partir? Deixando o coração aqui?
Barro, volta, e procura a sua essência.

(Afasta-se.)

(Entram Benvólio e Mercúcio.)

Benvólio
Romeu! Primo Romeu!
Mercúcio
Ele é sabido,
E aposto que já foi deitar, em casa.
Benvólio
Ele correu pra saltar aquele muro.
Chame-o, Mercúcio.
Mercúcio
Não; vou conjurá-lo:
Romeu! Insano! Apaixonado! Amante!
Vem, aparece em forma de suspiro!
Diz um versinho que, pra mim, já basta.
Dá um suspiro, rima “amor” com “dor”,
Faz um só elogio à prima Vênus,
Dá um dos nomes de seu filho cego,
O menino Cupido, que acertou
Cofétua quando amou sua mendiga.
Ele não ouve, mexe nem reage!
O macaco está morto; só com reza.
Te invoco pelo olhar de Rosalina,
Sua testa alta e lábios carmesim,
Seu pé, perna comprida e coxa trêmula,
Bem como o reino ali por perto desta,

Pra tu, tal como és, nos apareças!

Benvólio

Se ele o ouvir, vai ficar aborrecido.

Mercúcio

Não sei por quê. Poderia zangar-se

Se eu invocasse algum potente espírito

Pra penetrar o círculo da amante,

Que fosse estranho e ali ficasse, ereto,

Até que ela chegasse a derrubá-lo:

Lá isso era maldade. A minha reza

É clara e limpa! Em nome de quem ama

Só peço que ele cresça e apareça.

Benvólio

Vamos nós, que ele entrou pelo arvoredor

Pra conversar com os mistérios da noite.

Com amor cego, é melhor ficar no escuro.

Mercúcio

Amor que é cego não acerta o alvo;

Ele vai se encostar numa ameixeira.

Querer que a amada fosse fruta igual

À que faz rirem, em segredo, as moças.

E quase sempre elas chamam de ameixa.

Ai, Romeu, ai! Se ao menos ela fosse

Uma ameixa, e você pera pontuda!

Canteiro é muito frio pra ser cama.

Vamos embora?

Benvólio

Vamos, que é inútil

Buscar quem quer ficar bem escondido.

(Saem Benvólio e Mercúcio.)

Cena II

(Romeu avança.)

Romeu
Zomba da dor quem nunca foi ferido.

(Julieta aparece ao alto.)

Que luz surge lá no alto, na janela?
Ali é o leste, e Julieta é o Sol.
Levante, Sol, faça morrer a Lua
Ciumenta, que já sofre e empalidece
Porque você, sua serva, é mais formosa.
Não a sirva, pois que assim ela a inveja!
Suas vestais têm trajes doentios
Que só tolas envergam; tire-os fora.
É a minha dama, oh, é o meu amor!
Se ao menos o soubesse!
Seus olhos falam, e eu vou responder.
Que ousado sou; não é a mim que falam.
Duas estrelas, das mais fulgurantes,
'Stando ocupadas, pedem aos seus olhos
Que brilhem na alta esfera até que voltem.
E se ficassem lá, e elas no rosto?
O brilho de sua face ofuscaria
Os astros como o dia faz à chama:
Por todo o ar do céu, com tal fulgor
A luz de seu olhar penetraria,
Que as aves cantariam, como ao dia!
Como ela curva o rosto sobre a mão!
Quem me dera ser luva pra poder
Beijar aquela face.
Julieta
Ai de mim!
Romeu

Fale!

Fale, anjo, outra vez, pois você brilha
Na glória desta noite, sobre a terra,
Como o celeste mensageiro alado
Sobre os olhos mortais que, deslumbrados,
Se voltam para o alto, para olhá-lo,
Quando ele chega, cavalcando as nuvens,
E vaga sobre o seio desse espaço.

Julietta

Romeu, Romeu, por que há de ser Romeu?
Negue o seu pai, recuse-se esse nome;
Ou se não quer, jure só que me ama
E eu não serei mais dos Capuletos.

Romeu (à parte)

Devo ouvir mais, ou falarei com ela?

Julietta

É só seu nome que é meu inimigo:
Mas você é você, não é Montéquio!
O que é Montéquio? Não é pé, nem mão,
Nem braço, nem feição, nem parte alguma
De homem algum. Oh, chame-se outra coisa!
O que há num nome? O que chamamos rosa
Teria o mesmo cheiro com outro nome;
E assim Romeu, chamado de outra coisa,
Continuaria sempre a ser perfeito,
Com outro nome. Mude-o, Romeu,
E em troca dele, que não é você,
Fique comigo.

Romeu

Eu cobro essa jura!

Se me chamar de amor, me rebatizo:
E, de hoje em diante, eu não sou mais Romeu.

Julietta

Quem é que, assim, oculto pela noite,
Descobre o meu segredo?

Romeu

Pelo nome,

Não sei como dizer-lhe quem eu sou,
Meu nome, cara santa, me traz ódio,
Porque, para você, é de inimigo.

Julietta

Nem cem palavras eu sorvi ainda
Dessa voz, mas já reconheço o som.
Você não é Romeu, e um Montéquio?

Romeu

Nem um nem outro, se você não gosta.

Julietta

Mas como veio aqui, e para o quê?
O muro do pomar é alto e liso,
E pra quem é você, aqui é a morte,
Se algum de meus parentes o encontrar.

Romeu

Com as asas do amor saltei o muro,
Pois não há pedra que impeça o amor;
E o que o amor pode o amor ousa tentar.
Portanto, seus parentes não me impedem.

Julietta

Mas se o virem aqui eles o matam.

Romeu

Há muito mais perigo nos seus olhos
Que nas lâminas deles. Seu olhar
Me deixa protegido do inimigo.

Julietta

Eu não quero por nada que o vejam.

Romeu

Tenho o manto da noite pra esconder-me,
E se você me ama, não me encontram.
Antes perder a vida por seu ódio
Que, sem o seu amor, não morrer logo.

Julietta

Quem o guiou pra vir até aqui?

Romeu

O amor, que me obrigou a procurar:

Aos seus conselhos eu juntei meus olhos.
Não sou piloto, mas, se você fosse
Pro fim da praia do mar mais distante,
Eu singrava até lá por tal tesouro.

Julietta

O meu rosto usa a máscara da noite,
Mas de outro modo eu enrubesceria
Por tudo o que me ouviu dizer aqui.
Queria ser correta e renegar
Tudo o que disse. Mas adeus, pudores!
Me amas? Sei que vai dizer que sim,
E aceito sua palavra. Se jurar,
Pode ser falso. E dizem que Zeus ri
Dos perjúrios do amor. Doce Romeu,
Se me ama, mesmo, afirme-o com fé;
Mas, se pensar que eu fui fácil demais,
Serei severa e má, e direi não,
Pra que me implore; de outra forma, nunca.
Na verdade, Montéquio, ousou demais,
E posso parecer-lhe leviana;
Mas garanto, senhor, ser mais fiel
Que as que, por arte, fazem-se de difíceis.
Eu seria difícil, e o confesso,
Se não ouvisse, sem que eu o soubesse,
Minha grande paixão; então perdoe,
E não julgue ligeiro o amor que, cedo,
O peso desta noite revelou.

Romeu

Eu juro, pela Lua abençoada,
Que banha em prata as copas do pomar...

Julietta

Não jure pela Lua, que é inconstante,
E muda, todo mês, em sua órbita,
Pro seu amor não ser também instável.

Romeu

Por que devo jurar?

Julieta

Não jure nunca.

Ou, se o fizer, jure só por si mesmo,

Único deus de minha idolatria,

Que eu acredito.

Romeu

Se meu grande amor...

Julieta

Não jure, já que mesmo me alegrando

O contrato de hoje não me alegra:

Foi por demais ousado e repentino,

Por demais como o raio que se apaga

Antes que alguém diga “Brilhou”. Boa-noite.

Este botão de amor, sendo verão,

Pode florir num nosso novo encontro.

Boa noite, ainda. Que um repouso são

Venha ao meu seio e ao seu coração.

Romeu

Mas vai deixar-me assim, insatisfeito?

Julieta

E que satisfação posso hoje eu dar?

Romeu

Sua jura de amor, pela que eu dei.

Julieta

Eu dei-lhe a minha antes que a pedisse;

Bem que eu queria ainda ter de dá-la.

Romeu

E quer negá-la? Mas pra quê, amor?

Julieta

Só pra ser franca e dá-la novamente;

Eu só anseio pelo que já tenho:

Minha afeição é como um mar sem fim,

Meu amor tão profundo. Mais eu dou

Mais tenho, pois são ambos infinitos.

Ouçó um ruído. Até mais, amor meu.

(Ama chama, de fora.)

Ama, já vou. Seja fiel, Romeu. *(Sai.)*
Romeu
Oh noite abençoada; eu tenho medo
Que, por ser noite, isto seja só sonho,
Bom e doce demais pra ter substância.

(Julieta volta, ao alto.)

Julieta
Três palavras, Romeu, e boa-noite.
Se acaso o seu amor tem forma honrada
E pensa em se casar, mande amanhã
Dizer, por quem buscá-lo no meu nome,
Onde e a que horas tem lugar o rito,
E a seus pés porei tudo o que é meu,
Pra segui-lo, no mundo, meu senhor.

Ama *(fora)*

Senhora!

Julieta

Já vou! Mas se não tem boa intenção,
Imploro...

Ama *(fora)*

Senhora!

Julieta

Já vou indo!

Que se afaste e me deixe à minha dor.
Amanhã mando alguém.

Romeu

Pela minh'alma...

Julieta

Mil vezes boa-noite. *(Sai.)*

Romeu

Tristes mil vezes; minha luz se foi!
O amor busca o amor como o menino
Corre da escola pra não trabalhar;
Amor longe do amor tem o destino
Igual ao do vadio a estudar.

(Julieta volta ao alto.)

Julieta

Pst! Romeu! Pst! Com a voz do falcoeiro

Eu laçava de volta o peregrino.

A voz do prisioneiro é rouca e baixa,

Ou eu rachava a caverna do Eco.

Tornando-a mais rouca do que eu,

Com o repetir do nome de Romeu.

Romeu

Quem chamou o meu nome foi minh'alma;

A voz do amor na noite é som de prata,

165 Parece música a quem o escuta.

Julieta

Romeu!

Romeu

O meu falcão!

Julieta

A que horas, mesmo,

Devo eu mandar saber?

Romeu

Às nove horas.

Julieta

Sem falta. Até lá são vinte anos.

Esqueci por que eu o chamei.

Romeu

Deixe que eu fique até você lembrar.

Julieta

Vou esquecer, só pra você ficar,

E eu pensar como é bom tê-lo aqui perto.

Romeu

Eu fico, pra você esquecer sempre,

E esqueço até que tenho um outro lar.

Julieta

É dia. Eu quero que se vá, mas só

Tão longe quanto a ave da rameira,

Que a deixa saltitar perto da mão —
Um pobre prisioneiro agrilhado —
Mas com seu fio sempre a traz de volta,
Só por ciúme à sua liberdade.

Romeu

Quisera eu ser pássaro.

Julieta

E eu também.

Mas iria matá-lo só de afagos.

Foi tão doce este boa-noite agora,

Que eu direi boa-noite até a aurora

(Sai Julieta.)

Romeu

Tenha sono em seus olhos, paz no seio;

Por sono e paz tão doces eu anseio.

Sorri a aurora ao escuro pesado,

No leste, a luz já deixa o céu rajado;

O negror, ébrio, corre pra escapar

Das rodas de Titã, que vai passar.

Vou à cela do pai da minha alma,

Pra falar disso e ter ajuda e calma. *(Sai.)*

Cena III

(Entra Frei Lourenço, sozinho, com uma cesta.)

Frei

Antes que o olho do céu venha queimar,
Pro dia, alegre, o orvalho secar,
Tenho de encher a cesta com os odores
Que vêm das ervas e do mel das flores.
A terra-mãe de tudo é também cova:
O que ela enterra o seu ventre renova;
E como é vária a prole que aqui veio,
Vemos quando mamamos em seu seio.
Há filhos com virtudes excelentes;
São todos bons, mas todos diferentes.
É grande e forte a graça que é encontrada
Na virtude que a planta e erva é dada.
Não há nada tão vil no que aqui vem
Que a terra não lhe dê sequer um bem;
E nem nada é tão bom que, exagerado,
Não caia em perversão e traia o fado.
A virtude é um vício, malgerida;
E o vício, vez por outra, salva a vida.

(Entra Romeu.)

No sumo desta flor, pra quem procura
Mata o veneno, e o remédio cura.
Se cheirada, é propícia à compleição;
Provada, para o senso e o coração.
Dois reis opostos têm presença igual,
Em planta e homem 'stão a graça e o mal;
Quando a parte pior é que se adianta
Logo o cancro da morte come a planta.
Romeu
Bom-dia, padre.

Frei

Deus sempre o acuda.

Por que assim tão cedo me saúda?

Filho, nem tudo pode andar direito

Com quem tão logo salta de seu leito.

Velho não dorme, de preocupado,

E sono não se deita com cuidado;

Mas onde o jovem com a cabeça em paz

Joga o seu corpo, o sono vai atrás.

Portanto a madrugada me assegura

Que você está passando uma amargura.

Se assim não for, eu aposto que acerto:

Esta noite, Romeu ficou desperto.

Romeu

É bem verdade; eu tive melhor sina.

Frei

Meu santo Deus! Pecou com Rosalina?

Romeu

Com Rosalina? Meu bom padre, não!

Já me esqueci da dor que tive então.

Frei

Isso é bom. Mas o que andou fazendo?

Romeu

Vais saber, se ouvires o que estou dizendo.

Eu fui a um baile na casa que odeio,

E uma entre eles me acertou em cheio.

Também a alvejei. Nosso tormento

Depende de sua ajuda e tratamento.

Não tenho ódio, padre, do inimigo;

Ele terá do bem que faz comigo.

Frei

Diga claro, meu filho, o seu intento,

Pois confissão não é divertimento.

Romeu

Pois ouça: meu amor 'stá firme e quieto

Junto à filha do rico Capuleto.

Se o meu é dela, o dela é só meu,

E cabe-lhe juntar o que se deu
Com santo matrimônio. Em que momento
Nos vimos e trocamos juramento,
Eu contarei, mas sempre a suplicar
Que hoje mesmo consinta em nos casar.

Frei

Meu São Francisco! Que mudança rara!
Rosalina, a que disse ser tão cara,
Foi despedida? O amor do jovem mora
Não no peito, mas no que vê na hora.
Meu Jesus, só eu sei quanto de sal
Correu em vão por seu rosto, afinal.
Quanta salmoura foi desperdiçada
Num tempero de amor que deu em nada.
O sol ainda nem sequer limpou
Do ar os ais que este ouvido escutou.
Se estivesse em si toda essa dor
Devia ainda ser do antigo amor.
Mas já mudou? Proclame então por mim:
Caia a fêmea, se o macho muda assim.

Romeu

Por amar Rosalina eu fui punido.

Frei

Não por amar, por desejar, querido.

Romeu

Mandou que o enterrasse.

Frei

Não em cova

Onde entra uma e sai uma outra, nova.

Romeu

Não condene. A que ora eu amo, senhor,
Me corresponde em graça e em amor.
A outra, não.

Frei

Porque sabia bem

Que amor tão tolo pouca vida tem.

Mas vamos lá. Meu rapaz indeciso;

Há razão pra ajudar, sendo preciso.

A união que acaba de propor

Pode fazer do ódio puro amor.

Romeu

Vamos logo: eu estou louco de pressa.

Frei

Muita calma. Quem corre só tropeça.

(Saem.)

Cena IV

(Entram Benvólio e Mercúcio.)

Mercúcio

Mas onde, raios, se enfiou Romeu? Não foi pra casa ontem?

Benvólio

Não pra casa do pai. Perguntei ao criado.

Mercúcio

Ora, é aquela dona de coração de pedra, a pálida Rosalina, que o atormenta tanto que ele acaba completamente louco.

Benvólio

Teobaldo, parente do velho Capuleto, mandou uma carta para a casa do pai.

Mercúcio

Juro que é desafio.

Benvólio

Romeu há de responder.

Mercúcio

Ora, qualquer um que saiba escrever pode responder a uma carta.

Benvólio

Não, vai responder ao dono dessa carta, mostrar-lhe o que faz, quando lhe fazem.

Mercúcio

Coitado do Romeu, já está morto, apunhalado pelos olhos pretos daquela moça alva, cortado até a orelha por uma canção de amor, com o próprio caroço do coração atravessado por uma flecha do ceguinho.

E isso é homem para enfrentar Teobaldo?

Benvólio

E o que é que tem esse Teobaldo?

Mercúcio

Mais que o Príncipe dos Gatos. Veja, não há regulamento que ele não cumpra com bravura: ele luta como quem lê música: respeita o ritmo, o andamento e a proporção. Faz uma pausa na mínima, conta um, dois, e o três é no seu peito: é um assassino de botões de seda

— um duelista, um duelista, um cavalheiro de primeira classe e da primeira e da segunda causas. Ah, a passada dupla, a contra em quarta, o touché!

Benvólio

O quê?

Mercúcio

Que se danem esses fantasistas afetados, cíciosos, esses inventores de falas novas. Jesus, ele é um grande espadachim, muito bravo, uma boa puta! Não é lamentável, vovô, que sejamos infernizados por essas moscas esquisitas, esses novidadeiros, esses “com licenças”, que se apoiam tanto nas novas formas que não conseguem mais se ajeitar nos bancos antigos? Que ossos! Que ossos!

(Entra Romeu.)

Benvólio

Lá vem Romeu, lá vem Romeu!

Mercúcio

Ro sem meu tem rosto de arenque seco. Ah, carne, carne, estás peixificada. Vai deslizar em versos de Petrarca. Diante de sua amada, Laura é ajudante de cozinha — apenas arranjou melhor verzejador — Dido é uma pata, Cleópatra uma cigana, Helena e Hero rameiras safadas, e Tisbe bonitinha, mas nada que valesse a pena. Signor Romeo, bonjour. Uma saudação francesa para seus calções da França. Ontem à noite descobri que é falsário.

Romeu

Bom-dia aos dois. Mas como sou falsário?

Mercúcio

Deu pistas falsas sobre o seu caminho.

Concorda?

Romeu

Perdão, meu bom Mercúcio; meu assunto era importante, e em tais casos, um homem pode distorcer um pouquinho a cortesia.

Mercúcio

É o mesmo que dizer que em casos como o seu o sujeito se torce até destorcer as canelas.

Romeu

ao fazer cortesias...

Mercúcio

Acertou em cheio.

Romeu

Foi tão cortesmente argumentado.

Mercúcio

Eu sou o florescimento perfeito da cortesia.

Romeu

Floresce como uma flor.

Mercúcio

Exato.

Romeu

Meus sapatos são cortes, pois têm flores.

Mercúcio

Bem achado, e agora dê seguimento a este chiste até gastar o sapato que tem solado único, e você ficará desolado, após usá-lo sola-mente para pôr a sola no solo.

Romeu

Chiste i-solado, singularmente a-solado por ser só de sola.

Mercúcio

Venha entrar na brincadeira, Benvólio; meu espírito já está perdendo o fôlego.

Romeu

Finque-lhe as esporas, senão ganhei eu!

Mercúcio

Não; se é para o espírito ficar sem pé nem cabeça, eu desisto. Pois cada um dos seus sentidos está mais sem sentido do que os meus cinco, juntos. Com essa eu não empatei com você?

Romeu

Você empata com todos, menos comigo; foi bobo no pé e na cabeça.

Mercúcio

Eu mordo a sua orelha, só por essa.

Romeu

Cabeça que está assim não morde.

Mercúcio

Seu espírito anda agri-doce, está com molho muito temperado.

Romeu

E não é preciso temperar tanta bobagem, para servi-la?

Mercúcio

Isso é chiste de pelica, que se estica para afinar e para alargar.

Romeu

Eu a estico para alargar qualquer espírito fino e bobo.

Mercúcio

E isso não é melhor do que gemer de amor? Você agora está muito sociável, está muito bem, Romeu; bem aquele que conhecemos, tanto pela arte quanto pela natureza. Porque quem baba de amor fica igual a um bobo dos que correm por aí, de língua de fora e enfiando o bastão onde podem.

Benvólio

Parem! Parem!

Mercúcio

Você quer que eu pare com o rabo ainda arrepiado.

Benvólio

É que o rabo estava ficando grande demais.

Mercúcio

Engano seu; ia encurtá-lo. Tinha chegado ao fundo e não pretendia mais ocupar o argumento.

Romeu

Mas vejam só que trapalhão.

(Entram a Ama e o seu criado Pedro.)

Vela à vista!

Mercúcio

Duas! Duas! Uma camisa e uma camisola.

Ama

Pedro.

Pedro

Já vou.

Ama

Meu leque, Pedro.

Mercúcio

Bom Pedro, é para ela esconder o rosto. A cara do leque é mais bonita.

Ama

Deus lhes dê bons-dias, cavalheiros.

Mercúcio

Que Deus lhe dê uma boa-noite, bela dama.

Ama

É boa-noite?

Mercúcio

Nada menos do que isso, pois o safado do ponteiro do Sol está neste momento cobrindo a marca do meio-dia.

Ama

Ora, pare com isso. Que tipo de homem é esse?

Romeu

Senhora, um que Deus fez e Ele mesmo estragou.

Ama

Palavra que isso foi bem-dito: “e Ele mesmo estragou”, não é? Mas, senhores, será que algum dos presentes pode me informar onde posso encontrar o jovem Romeu?

Romeu

Eu posso; mas o jovem Romeu estará mais velho quando o encontrar do que era quando o procurou. Eu sou o mais jovem do nome, por falta de outro pior.

Ama

O senhor fala muito bem.

Mercúcio

O pior é bem? Bem-apanhado. Grande sabedoria.

Ama

Se é ele, senhor, desejo trocar umas confidências consigo.

Benvólio

Na certa vai “confidenciá-lo” para alguma ceia.

Mercúcio

É cafetina! É cafetina! Peguei!

Romeu

Pegou o quê?

Mercúcio

Não foi gato por lebre, nem comida de abstinência, que geralmente já está seca antes de acabar.

(Ele canta e dança.)

Lebre gelada

Lebre safada

É boa pra jejum

Mas lebre surrada

Não atrai a moçada

Que gela de um em um.

Romeu, você vai jantar na casa de seu pai? Nós estamos indo para lá.

Romeu

Eu vou logo.

Mercúcio

Adeus, senhora relíquia; adeus, senhora, senhora, senhora.

(Saem Mercúcio e Benvólio.)

Ama

Por favor, senhor, quem é esse rapaz tão abusado e exibido com sua grosseria?

Romeu

Um cavalheiro, Ama, que gosta de ouvir a própria voz, capaz de falar mais em um minuto do que aguenta dos outros em um mês.

Ama

Se falar mal de mim, eu o porei pra baixo, nem que seja mais forte do que é, e vinte vezes mais homem. E se eu não conseguir, contrato alguém que possa. Salafrário! Não sou nem das vagabundas nem das marginais dele.

(Volta-se para Pedro, seu criado.)

E você só fica aí, plantado, deixando que qualquer safado me use a seu bel-prazer!

Pedro

Não vi ninguém usando a senhora para o seu prazer; se visse, punha logo de fora a minha arma. Garanto que saco tão rápido quanto qualquer outro, tendo a oportunidade para uma boa briga, se a lei estiver do meu lado.

Ama

Juro por Deus que estou tão danada que estou toda tremendo, de alto a baixo. Safado sórdido. Por favor, senhor, uma palavra — como disse, a minha patroinha pediu que o procurasse. O que me pediu que dissesse eu guardo para mim. Mas, primeiro, deixe que eu lhe diga que, se o senhor a fizer cair em algum conto do vigário, como se diz, seria um comportamento muito sem vergonha, como se diz, pois a mocinha é muito jovem. E, portanto, se jogar sujo com ela, ia ser muita maldade para qualquer fidalguinha, e trato e dos piores e dos mais desprezíveis.

Romeu

Ama, recomendo-me à sua ama e senhora, e apresento-lhe meus protestos de...

Ama

Meu coração, pode deixar que eu digo isso tudo a ela muito exatamente. Nossa, que mulher feliz ela há de ser.

Romeu

O que lhe irá dizer, Ama? Não me escuta...

Ama

Vou dizer que protesta — o que, segundo a minha compreensão, é uma resposta de cavalheiro.

Romeu

Peça-lhe que encontre

Meios pra, à tarde, ir se confessar,

Pois na cela do caro Frei Lourenço,

Depois de confessar-se ela se casa.

Tome por seu trabalho.

Ama

Nem pensar.

Romeu

Mas eu insisto.

Ama

Esta tarde, senhor? Lá ela irá.

Romeu

Ama, pare um momento atrás da igreja.

Em meia hora o meu criado a encontra

Para entregar uma escada de cordas

Que, até o prêmio de minha alegria,

Eu subirei no segredo da noite.

Adeus; seja discreta. Eu a compenso.

Adeus; me recomende à sua senhora.

Ama

Que Deus o abençoe. Escute aqui.

Romeu

O que é, cara Ama?

Ama

Seu criado é discreto? Todos dizem

Que segredo de dois, só se um morre.

Romeu

Ele é leal e firme como o aço.

Ama

Minha patroa é a mais doce das moças. Meu Deus! Quando ela ainda era deste tamaninho... Olhe, há um nobre na cidade, um tal de Páris, que gostaria de ser o galo do terreiro; mas ela, uma boa alma, preferia olhar um sapo, um sapo mesmo, do que olhar para ele. Eu gosto de implicar com ela, às vezes, dizendo que esse Páris é mais distinto, mas garanto que quando falo assim ela fica mais pálida que qualquer trapo deste mundo inteiro. Rosmaninho e Romeu não começam com a mesma letra?

Romeu

Isso mesmo, Ama. E daí? Ambos com R.

Ama

Debochado! Isso é nome de cachorro; “R” é pra... Não; isso eu sei que começa com outra letra; e ela faz umas ótimas sentenças sobre isso, sobre o senhor e o rosmaninho — que o senhor ia gostar de ouvir.

Romeu

Recomende-me à sua ama.

(Sai Romeu.)

Ama

Mais de mil vezes. Pedro!

Pedro

Já vou!

Ama

Vá na frente, e depressa.

(Saem.)

Cena V

(Entra Julieta.)

Julieta

Batiam nove quando a Ama foi,
Prometendo voltar em meia hora.
Talvez não o encontrasse. É impossível.
Ela é capenga. Os arautos do amor
Devem ser rápidos como o pensar,
Muito mais do que a luz que vem do sol,
Ao expulsar as sombras das colinas.
Por isso as pombas atraem o amor,
E Cupido, o veloz, tem duas asas.
O sol já está no píncaro mais alto
Deste dia, e das nove até as 12
São três horas, mas ela não voltou.
Se tivesse o ardor da juventude
Ela iria voar como uma bola:
Minha fala a atirava ao meu amor,
A dele a mim.
Mas os velhos parecem mais defuntos:
São pesados, de chumbo, e sem assunto.

(Entra a Ama, com Pedro.)

Meu Deus, é ela. E então, minha Amazinha?
Encontrou-o? Dispense esse criado.

Ama

Pedro, espere no portão.

(Sai Pedro.)

Julieta

Ama querida — que tristeza é essa?
Conte-me alegre até as novas tristes;

E, sendo boas, você desafina
A música com o rosto assim franzido.

Ama

Estou exausta. Deixe que eu respire.
Meus ossos 'stão doendo. Andei demais!

Julieta

Eu troco as suas novas por meus ossos.
Vamos, fale: por favor, Ama, fale.

Ama

Jesus, que pressa! Não pode esperar?
Não está vendo que eu estou sem fôlego?

Julieta

Como sem fôlego se o tem bastante
Pra dizer que não pode respirar?
As desculpas que dá pra demorar
São mais compridas que o recado em si.
São boas ou más novas? Diga logo:
Uma ou outra; os detalhes vêm depois.
Mas preciso saber: boas ou más?

Ama

Bem, você fez uma escolha muito tola. Não sabe como se escolhe
um homem. Romeu? Não, ele não. Embora seu rosto seja melhor
do que o de qualquer outro, ele também tem pernas superiores às
dos outros, e quanto à mão e ao pé, e ao corpo, embora talvez seja
melhor não falar neles, mesmo assim são incomparáveis. Ele não é
a maior flor de cortesia, mas garanto que é manso como um
cordeirinho. Pode ir, menina. Pense em Deus. Como é, já
almoçaram?

Julieta

Nada disso; o que eu disse eu já sabia.
Que diz do casamento? Que diz disso?

Ama

Ai, meu Deus, como dói minha cabeça.
Lateja tanto que eu vou estourar.
'Stou desancada. Ai, as minhas costas!
Maldita seja por mandar-me assim
Correr feito uma louca por aí.

Julieta

Lamento que não esteja muito bem.
Ama querida, o que diz meu amor?

Ama

O seu amor, porque é um cavalheiro
Cortês, honesto, bom e bem bonito,
E virtuoso até — Cadê sua mãe?

Julieta

Ora essa, a mamãe? Está lá dentro.
Onde devia estar? Mas que resposta!
“Diz seu amor, porque é um cavalheiro
Cortês, honesto, bom e bem bonito,
Cadê a sua mãe?”

Ama

Virgem Maria!

É tanta a afobação? Pouco me importa.
É esse o emplastro que dá pros meus ossos?
Pois leve os seus recados você mesma.

Julieta

Mas quanta queixa! O que disse Romeu?

Ama

Tem licença pra confissão de hoje?

Julieta

Tenho.

Ama

Pois se correr até o Frei Lourenço,
Lá terá um marido pra esposá-la.
Agora ficou toda enrubescida;
Você sempre corou com novidades.
Vá à igreja; eu vou pra outro lado
Buscar a escada com que o seu amor
Vai subir, pelo escuro, até o ninho.
Trabalho eu pra você ter prazer;
Mas de noite é você quem vai gemer.
Eu vou comer. Corra para a igreja.

Julieta

Pro meu destino! E que Deus a proteja.

(Saem.)

Cena VI

(Entram Frei Lourenço e Romeu.)

Frei

Sorria o céu a este ato santo,
E que ele não nos traga sofrimento.

Romeu

Amém, amém. Mas nem a maior dor
Anula a linda troca de alegrias
Que um minuto me dá por vê-la aqui.
Se juntar nossas mãos com bênção santa,
Que a morte, que devora o amor, ataque:
Pra mim basta poder chamá-la minha.

Frei

E violento prazer tem fim violento,
E morre no esplendor, qual fogo e pólvora,
Consumido num beijo. O mel mais doce
Repugna pelo excesso de delícia,
Que acaba perturbando o apetite.
Modere-se, pro amor poder durar;
A pressa atrasa igual ao devagar.

(Entra Julieta, um tanto precipitada, e abraça Romeu.)

Eis a dama. Esses pés, assim tão leves,
Jamais desgastarão o chão que pisam.
Quem ama pode caminhar nas teias
Sacudidas nas brisas do verão
Sem cair; pois tão leve é o bem terreno.

Julieta

Boa-tarde, confessor da minha alma.

Frei

Romeu lhe dará graças por nós ambos.

Julieta

Já o fez, e ficou com a maior parte.

Romeu

Julietta, se a alegria que hoje sente
For grande como a minha, e a sua arte
Maior pra descrevê-la, que a sua voz
Adoce o ar e que a sua música
Possa cantar quanta felicidade
Nós recebemos hoje um do outro.

Julietta

O que nós temos de imaginação,
Se é mais rico por dentro que por fora,
Só canta o conteúdo, não o ornato.
Não tem valor o que dá pra contar,
E o meu amor cresceu a um tal excesso
Que não sei o valor nem da metade.

Frei

Venham comigo, pra apressar os votos.
Por mim, não ficam sós de modo algum
Até a igreja dos dois fazer um.

(Saem.)

Ato III

Cena I

(Entram Mercúcio, Benvólio e outros homens.)

Benvólio

Mercúcio, por favor, vamos embora;
'Stá quente, os Capuletos 'stão à solta.
Se houver encontro, a briga é inevitável,
Pois no calor o sangue ferve louco.

Mercúcio

Você parece um desses sujeitos que, ao entrar no recinto de uma taverna, fica com a espada bem à mão, na mesa, e diz: "Deus permita que eu não te necessite!"; e já na segunda caneca quer se servir de quem serve, sem a menor provocação.

Benvólio

Eu sou assim?

Mercúcio

Ora, vamos; você é tão esquentado quanto qualquer brigão da Itália; pronto a ficar ofendido e, se ofendido, logo pronto.

Benvólio

Para o quê?

Mercúcio

Deixe de histórias. Se houvesse dois de você, daí a pouco não ia haver mais nenhum, porque um matava o outro. Ora, você briga com qualquer um que tenha um fio de barba a mais ou a menos que você. Briga com quem quebra uma noz, só porque tem olhos cor de avelã. Que olho fica olhando mais para achar briga do que o seu? Sua cabeça é tão cheia de brigas quanto um ovo de alimento, mas já o vi reduzido a um ovo podre por causa de uma briga. Você já brigou com um pobre coitado que tossiu na rua, só porque ele acordou o seu cachorro, que estava tirando uma soneca ao sol. E não se desentendeu com um alfaiate, só porque ele saiu de roupa nova antes da Páscoa? Ou com um outro, porque amarrou os sapatos com uma fita velha? E ainda quer me pregar sermão por

causa de uma briga!

Benvólio

Se eu brigasse com a mesma facilidade que você, qualquer um simplesmente me levava a vida em pouco mais de uma hora.

Mercúcio

É simples levar a vida de um simplório!

(Entram Teobaldo, Petrúquio e outros.)

Benvólio

Olhe a dor de cabeça; lá vem Teobaldo.

Mercúcio

Olhe a dor no pé; o que me importa?

Teobaldo

Sigam-me de perto, eu vou falar com eles. Cavalheiros, bom-dia: uma palavra.

Mercúcio

Só uma palavra com um de nós? Junte mais alguma coisa — é melhor um golpe e uma palavra.

Teobaldo

Verá que estarei bem pronto a fazê-lo, se me oferecer a ocasião.

Mercúcio

E será que não pode agarrar a ocasião sem que ninguém a ofereça?

Teobaldo

Mercúcio, você anda em acordos com Romeu.

Mercúcio

Acordos? Ou acordes? Talvez ache que somos menestrelis. Pois se somos nós os menestrelis, não espere nada senão discórdia. Com isto é que eu toco o violino que o fará dançar. Pelas chagas de Cristo, acordos!

Benvólio

Essa disputa, aqui, 'stá muito pública.

Ou vão para local mais isolado,

Ou discutam seu caso com júzo,

Ou caiam fora; todos 'stão olhando.

Mercúcio

Gente tem olhos pra olhar, e eles que olhem.
Não me movo para dar prazer aos outros.

(Entra Romeu.)

Teobaldo

Fique em paz. O meu homem vem aí.

Mercúcio

Não me parece que use a sua libré.

Se for pro campo e se ele o seguir,

Será o caso de ele ser “seu homem”.

Teobaldo

Romeu, o amor que eu lhe dedico exige

Que lhe diga na cara que é um vilão.

Romeu

Teobaldo, as razões do meu amor

Ajudam-me a escusar o tom de ira

Da sua saudação. Não sou vilão;

Portanto, adeus; você não me conhece.

Teobaldo

Menino, isso, assim, não apaga o insulto

Que me lançou; portanto, pare e saque.

Romeu

Garanto que jamais o insultei.

E o amo mais que possa imaginar

Então, bom Capuleto, nome que honro

Como o meu próprio, fique satisfeito.

Mercúcio

Mas que calma mais vil de desonrosa!

Alla stoccata é a palavra de ordem!

(Saca a espada.)

Teobaldo, pega-ratos; vamos lá?

Teobaldo

Ora essa, o que quer você comigo?

Mercúcio

Bom Rei dos Gatos, apenas uma de suas nove vidas. Com essa tenho a intenção de me servir à vontade, e depois, conforme me tratar daqui em diante, resolvo o que fazer com as outras oito. Vai tirar sua espada da bainha, pelas orelhinhas? Vamos logo, para que não chegue às suas orelhas antes que o faça.

Teobaldo

Estou às suas ordens.

(Saca a espada.)

Romeu

Bom Mercúcio, guarde essa espada.

Mercúcio

Vamos, senhor; faça seu passe.

(Lutam.)

Romeu

Benvólio, controlemos essas armas;

Senhores, parem, isso é ultrajante.

Teobaldo, Mercúcio, o próprio príncipe

Proibiu essas lutas em Verona.

Pare, Teobaldo! Pare, bom Mercúcio!

(Teobaldo, por baixo do braço de Romeu, atinge Mercúcio.)

Um Criado

Fuja, Teobaldo.

(Sai Teobaldo com seus seguidores.)

Mercúcio

Estou ferido.

Danem-se as suas casas. 'Stou morto.

Ele se foi, ileso?

Benvólio

Está ferido?

Mercúcio

É só um arranhão. Mas é o bastante.
O meu pajem! Menino, quero um médico!

(Sai o Pajem.)

Romeu

Coragem, homem; o corte é pequeno.

Mercúcio

Não, não é tão fundo quanto um poço nem tão largo quanto uma porta de igreja, mas é o bastante; é o bastante. Procurem-me amanhã e me verão sério como um túmulo. Estou liquidado, eu garanto, para este mundo. Malditas as suas casas. Pelas chagas de Cristo, um cão, um gato, um rato, um camundongo, matam um homem com um arranhão. Um fanfarrão, um safado, um vilão, que luta por regras aritméticas — por que raios veio meter-se entre nós? Fui ferido por baixo do seu braço.

Romeu

Pensei fazer pelo melhor.

Mercúcio

Levem-me pr'alguma casa, Benvólio,
Ou desmaio. Danem-se as suas casas,
Que fizeram de mim ração de verme.
Eu acabei de vez. As suas casas!

(Saem Mercúcio e Benvólio.)

Romeu

Esse fidalgo, parente do príncipe,
Meu amigo, levou golpe fatal
Por mim — a minha honra foi ferida
Pelo insulto de Teobaldo, meu primo,
Há uma hora apenas. Ah,
Julieta,
Sua beleza me efeminou,
Amolecendo o aço do valor.

(Entra Benvólio.)

Benvólio

O bom Mercúcio 'stá morto, Romeu.
Seu bravo espírito subiu pras nuvens
Cedo demais, deixando a nossa terra.

Romeu

Maldito o fado deste dia, então;
Começa aqui a dor que outros terão.

(Entra Teobaldo.)

Benvólio

Lá vem Teobaldo, ainda furioso.

Romeu

Volta triunfante, e Mercúcio morto.
Fiquem no céu respeito e leniência:
E só a fúria me conduza agora!
Eu lhe devolvo agora Teobaldo,
O seu insulto. A alma de Mercúcio
Ainda paira perto, sobre nós,
Esperando que a sua o acompanhe.
Com ele irá você, ou irei eu.

Teobaldo

Menino ousado, que era seu comparsa,
É você quem irá.

Romeu

Pois vamos ver.

(Lutam e Teobaldo cai.)

Benvólio

Fuja logo, Romeu.

O povo grita, e Teobaldo está morto!
Acorde! Se você for apanhado,
Vai ter pena de morte. Fuja logo!

Romeu

Sou palhaço dos fados.

Benvólio

Por que fica?

(Sai Romeu.)

(Entram cidadãos.)

Cidadão

Pra onde foi o que matou Mercúcio?

Teobaldo, o assassino, pr'onde foi?

Benvólio

Eis Teobaldo.

Cidadão

Vamos, vou levá-lo.

É em nome do príncipe que o prendo.

(Entram o Príncipe, Montéquio, Capuleto, suas mulheres e todos.)

Príncipe

Quem começou essa refrega vil?

Benvólio

Meu nobre príncipe, posso eu contar-lhe

Os fatídicos lances desta briga.

Jaz aí morto por Romeu o homem

Que assassinou Mercúcio, o seu parente.

Sra. Capuleto

Teobaldo querido! Meu sobrinho!

Oh príncipe, oh marido, corre o sangue

Do meu sobrinho. Pela lei, oh príncipe,

Quero, por esse, o sangue dos Montéquios.

Ai, meu sobrinho.

Príncipe

Quero saber quem começou, Benvólio.

Benvólio

Teobaldo, aqui, a quem Romeu matou.

Romeu, gentil, pediu-lhe que pensasse

Como era tola a briga, e o alertou

Pra sua indignação. Tudo isso feito

Com bons modos, voz doce, e até medidas,

Não bastou pra conter a irritação

De Teobaldo, surdo à paz, que ataca

Com aço agudo o peito de Mercúcio,
Que, acalorado, junta ponta a ponta,
E com humor marcial afasta a morte
Com uma das mãos, enquanto com a outra
Devolve-a a Teobaldo, que responde
Com grande habilidade. Romeu grita:
“Parem, amigos!”, e, ainda mais rápido,
Seu ágil braço abaixa ambas as pontas
E posta-se entre eles. Sob seu braço,
Um golpe traiçoeiro de Teobaldo
Rouba a vida a Mercúcio. Foge o outro,
Mas volta, inda à procura de Romeu,
Que estava então sedento de vingança.
Pularam como um raio um no outro
E antes que os afastasse, Teobaldo
É abatido e Romeu sai, fugindo.
Sra. Capuleto
Ele é aparentado com os Montéquios;
É falso por afeto. Está mentindo.
Estavam nessa briga mais de vinte!
Foram vinte a tirar uma só vida!

Meu príncipe, é justiça que eu exijo.
Romeu matou; não pode mais viver.
Príncipe
Romeu matou Teobaldo; e este, Mercúcio;
Quem deve agora o preço desse sangue?
Montéquio
Não Romeu, que era amigo de Mercúcio;
Seu erro terminou, como a lei manda,
A vida de Teobaldo.
Príncipe
E por tal crime
Desde já 'stá banido desta terra.
Eu fui tocado pelo acontecido,
Por vossas brigas correu sangue meu.
Mas hei de dar-vos penas tão severas

Que haveis de chorar a minha perda.
Serei surdo a pedidos e desculpas;
Não há perdão pra pranto nem pra reza;
Romeu deve partir com toda pressa,
Pois se for encontrado será morto.
Levai o corpo. Haveis de me acatar;
Perdão pra morte é o mesmo que matar.

(Saem.)

Cena II

(Entra Julieta, só.)

Julieta

Galopa pro lar de Febo, cavalo
De pés de fogo. Um condutor qual Faeton
O levaria a golpes para o oeste
Trazendo logo a noite nevoenta.
Noite que faz o amor, fecha o teu pano
Pra que os olhos se fechem e Romeu
Venha para estes braços invisíveis.
Amantes sabem ver ritos de amor
Pela própria beleza. Se ele é cego,
O amor vai bem co'a noite. Vem, oh noite,
Sóbria matrona toda em trajes negros,
E ensina-me a perder essa vitória
Em que é jogada a pura virgindade.
Cobre o meu sangue ingênuo, que palpita,
Com o manto negro até que o amor, ousado,
Veja o ato do amor como modéstia.
Vem, noite, vem, Romeu, vem dia em noite,
Pois nas asas da noite hás de mostrar-te
Tão alvo quanto a neve sobre um corvo.
Vem, noite escura, delicada e amante;
Dá-me o meu Romeu, e se eu morrer
Retalha-o e faz com ele estrelas,
E ele dará ao céu um rosto tal
Que o mundo inteiro há de adorar a noite,
Recusando-se a adorar o Sol.
Comprei pra mim uma mansão de amor,
Mas não a possuo. Mesmo vendida,
Inda não fui gozada. O dia hoje
É longo como a véspera da festa
Pra menina que tem vestido novo
Ainda sem usar. Lá vem a Ama.

(Entra a Ama, com as cordas, torcendo as mãos.)

Traz novas, e quem fala de Romeu
Tem na boca eloquência celestial.
Então, Ama, o que há? Que traz aí?
É a escada de Romeu?

Ama

Sim, é a escada.

Julietta

Mas o que há? Por que torcer as mãos?

Ama

Que tristeza! 'Stá morto! Morto! Morto!
Nós estamos perdidas, sim, perdidas,
Ai de mim, está morto, assassinado.

Julietta

Pode o céu ser assim tão inimigo?

Ama

Se não o céu, ao menos Romeu pode.
Quem podia pensar? Logo Romeu.

Julietta

Mas por que me atormenta desse modo?

Torturar desse modo, só no inferno.

Romeu matou-se? É só dizer que sim,
Que só o som terá bem mais veneno
Do que o olhar mortal do basilisco.

Eu não sou eu se ouvir dizer “morreu”,
Ou se seus olhos piscam pra afirmá-lo.
Ele morreu? Diga só “sim” ou “não”.

Um breve som me traz o bem ou o mal.

Ama

Eu vi o ferimento com esses olhos
— Deus me perdoe — feito no seu peito.
Um cadáver patético e sangrento,
Pálido como a cinza, ensanguentado
Com as estranhas. Eu desmaiei de ver.

Julietta

Estoura, coração. Falido, estoura.
Cega, eu jamais verei a liberdade;
Meu pó em pó se tornará, e inerte
Pesarei com Romeu num só caixão.

Ama

Ah, Teobaldo, meu melhor amigo.
Teobaldo cortês, tão cavalheiro.
Nunca pensei viver pra vê-lo morto.

Julietta

Que tempestade mais insana é essa?
Romeu assassinado, o outro morto?
Meu caro primo e meu senhor amado?
É o Juízo Final anunciado!

Ama

Teobaldo morto e banido Romeu.

Julietta

Meu Deus, Romeu é que matou Teobaldo?

Ama

Foi ele, ai de mim, foi ele sim.

Julietta

Serpente oculta pela flor de um rosto!
Que dragão tem morada tão bonita?
Belo tirano, angélico demônio,
Corvo-pomba, carneiro feito lobo!
Matéria vil do mais divino aspecto!
Oposto do que tanto pareceu!
Santo maldito, vilão honorável!
Oh, natureza, o que houve no inferno,
Se ao coroar a fronte de um demônio,
Usaste carne tão celestial!
Que livro assim tão sórdido já teve
Capa tão linda? Como pode o engano
Viver em tal palácio?

Ama

Só a traicção.

Os homens não têm fé, honestidade;

Todos perjuros, torpes, fingidores.

Cadê meu pajem? Quero uma aqua vitae.

Tanta dor e tristeza me envelhecem.

Vergonha pra Romeu!

Julieta

Queime essa língua

Por dizê-lo. Ele não é pra vergonha.

Vergonha tem vergonha em sua fronte,

Que é trono onde a honra é consagrada.

Como monarca único do mundo.

Foi uma fera quem pensou mal dele.

Ama

Vai falar bem de quem matou seu primo?

Julieta

E devo falar mal de meu marido?

Ah, senhor meu, que língua há de louvá-lo

Quando eu, recém-casada, o condenei?

Mas, meu vilão, por que matou meu primo?

Porque o primo-vilão tentou matá-lo.

Lágrimas, voltem para suas fontes;

O seu tributo é devido à tristeza,

Só por engano ele rega a alegria.

'Stá vivo o meu marido ameaçado,

'Stá morto o primo que o ameaçou;

'Stou confortada. Por que choro, então?

Pior que a morte, ouvi uma palavra

Que me matou. Eu queria esquecê-la,

Mas ela pressiona a minha memória

Como a culpa tortura o pecador.

Teobaldo, morto, mas Romeu... banido.

Esse "banido", esse termo "banido",

Matou dez Teobaldos. Sua morte

Já era mais que triste só por si,

Mas se a vil dor precisa de companhia,

Tem de alinhar-se junto a outros males,
Por que não disse, com “Morreu Teobaldo”,
Também a sua mãe, seu pai, ou ambos,
Motivos de lamento rotineiro?

Mas a sequência pra “Morreu Teobaldo”
É “Romeu foi banido”; essa palavra
É pai, mãe, primo, Romeu, Julieta,
Todos mortos. Romeu está banido.
Não há medida, nem limite ou fim
Na morte que vem dela. A dor é assim.
Ama, meu pai, minha mãe, onde estão?

Ama

Chorando Teobaldo em seu caixão.
Quer vê-los? Eu a posso levar lá.

Julieta

Pra banhá-lo com pranto? Não o meu.
Mais que eles, eu choro por Romeu.
Leve a escada. 'Stá tudo abandonado,
A escada e eu; Romeu foi exilado.
Para o meu leito essa estrada ele fez,
Mas será virgem minha viuvez.
Ama, no leito nupcial vou deitar,
Pra só a morte me desvirginar.

Ama

Vá pro seu quarto. Eu hei de achar Romeu
Pra confortá-la. Eu sei bem pr'onde foi.
Romeu virá de noite, com certeza.
Vou vê-lo. Quem o esconde é Frei Lourenço.

Julieta

Dê-lhe este anel, que é marca de firmeza,
Que ele venha, pro meu adeus imenso.

(Saem.)

Cena III

(Entra Frei Lourenço.)

Frei

Venha, Romeu, rapaz assustador,
Por quem a aflição se apaixonou
E que se casou com a calamidade.

(Entra Romeu.)

Romeu

As novas, pai. Qual é minha sentença?
Que desgraça me quer tomar a mão
Que eu inda não conheça?

Frei

É exagerada
A sua intimidade com a amargura.
Eu vim trazer-lhe a sentença do príncipe.

Romeu

Será pior que o Juízo Final?

Frei

De seus lábios saiu pena mais branda:
Não a morte do corpo, mas o exílio.

Romeu

Exílio? Tenha piedade e diga morte.
Pois o aspecto do exílio é mais terrível,
Muito mais que o da morte. Exílio, não.

Frei

Doravante, banido de Verona.
Seja paciente, pois o mundo é grande.

Romeu

Pra fora de Verona não há mundo,
Só purgatório, ou até mesmo o inferno;
Fora daqui 'stou banido do mundo,
O exílio é morte; e então o “banimento”

É um nome para a morte. O banimento
Me decapita com machado de ouro.
'Stá sorrindo da minha execução!

Frei

Que pecado mortal é ser ingrato!
A lei diz morte, e por bondade o príncipe,
Tomando o seu partido a afastou
E fez da negra morte banimento;
Isso é piedade, e você não quer ver.

Romeu

Tortura, e não piedade. Aqui é o céu
Onde vive Julieta, e qualquer cão,
Ou gato, ou rato ou coisa sem valor
Pode viver no céu e pode vê-la,
Mas não Romeu. Existe mais valor,
Mais honra e cortesia em qualquer mosca
Do que em Romeu, pois essa pode
Tocar na mão tão branca de Julieta,
Roubar a eterna bênção de seus lábios,
Que ainda puros, vestais de seu pudor,
Coram por ver pecado nesse beijo.
Mas não Romeu; Romeu está banido.
As moscas podem, eu fujo daqui;
Elas são livres, eu estou banido.
E ainda diz que o exílio não é morte?
Não tem aqui um veneno, uma faca,
Nenhum meio de morte, por mais vil,
Pra me matar, senão esse “banido”?
O termo é pros danados, lá no inferno,
Chega uivando. E o senhor tem a coragem,
Confessor, diretor espiritual,
Que dá absolvição e é meu amigo,
De retalhar-me com esse “banimento”?

Frei

Tolo insano, ouça ao menos um momento.

Romeu

Pra ouvi-lo falar de banimento.

Frei

Vou dar-lhe um escudo contra essa palavra.

Na adversidade há filosofia

Que possa consolar quem foi banido.

Romeu

Inda “banido”! Quem quer ser filósofo?

Filosofia faz uma Julieta?

Muda a cidade? Altera a lei do príncipe?

Não, não ajuda e não adianta. Basta!

Frei

Percebo agora que os loucos são surdos.

Romeu

E por que não, quando os sábios são cegos?

Frei

Discutamos o estado em que se encontra.

Romeu

Como podes falar do que não sente?

Se fosses jovem, o amor de Julieta,

Recém-casado, e algoz de Teobaldo,

Apaixonado e, como eu, banido,

Podias então falar, descabelar-se,

E atirar-se no chão, como eu agora,

Medindo a cova que inda não foi feita.

(Batem.)

Frei

Estão batendo; esconda-se, Romeu.

Romeu

Eu não, a não ser que os meus suspiros

Escondam-me dos outros com sua névoa.

(Batem.)

Frei

Escute só — Quem é? — Romeu, levante!

Será preso — Eu já vou. — Fique de pé.

(Batem.)

Pro meu quarto! — Já vou. — Que Deus me acuda. — Mas que tolice é essa? — Eu já 'stou indo.

(Batem.)

Quem bate? De onde vem e o que quer?

Ama (fora)

Deixe-me entrar que saberá de tudo.

Julietta me mandou.

Frei

Seja bem-vinda.

(Entra a Ama.)

Ama

Ah, frade abençoado, por favor,

Onde está o senhor de minha ama?

Frei

Ali no chão; está bêbado de pranto.

Ama

O caso dele é o mesmo da patroa;

Exatamente o mesmo. Triste acordo;

Patética união. Assim está ela —

Queixa-se e chora; chora e mais se queixa.

Levante-se; levante-se, se é homem.

Pelo bem de Julieta, fique em pé.

Como fica assim não levanta mais nada!

(Ele se levanta.)

Romeu

Ama!

Ama

Só a morte é que não tem mais remédio.

Romeu

Falou de Julieta? Ela está bem?

Será que pensa em mim como assassino

Que maculou a infância da alegria
Com sangue assim tão próximo do seu?

Onde está? O que faz? E o que diz
Deste amor cancelado a minha dama?

Ama

Não diz nada; ela chora sem parar,
Deita na cama e torna a levantar,
Chama Teobaldo, grita por Romeu,
Deita de novo...

Romeu

Como se esse nome,
Saído como bala de uma arma,
A matasse, como esta mão maldita
Matou-lhe o primo. Diga-me, meu frade,
Em que recanto vil da anatomia
Mora o meu nome? Diga, que eu destruo
O seu covil.

Frei

Pare essa louca mão.

Você é homem: a forma o proclama,
O pranto é de mulher, e os gestos loucos
Revelam fúria que só serve às feras.
É grotesca a mulher vista num homem,
Pior ainda a fera em uma ou outro!
É um espanto. Por minha ordem santa,
Eu o julgava mais equilibrado.

Matou Teobaldo e agora quer matar-se?
Maldiz o nascimento, o céu e a terra?

Pois esses três se unem em você
Num só instante. E você quer perdê-los.
Pois envergonha forma, amor e espírito.
A forma nobre é só massa de cera
Quando privada do valor de homem;
O seu amor é só perjúrio oco
Se mata o amor que jurou respeitar;
O espírito, que orna forma e amor,

Se mal-usado na conduta de ambos,
É pólvora nas mãos de incompetentes,
Cuja própria ignorância é que incendeia.
Está se destruindo ao defender-se.
Rapaz, acorde! Julieta está viva,
Por quem você morria, ainda agora.
É sorte! E Teobaldo ia matá-lo,
Mas você o matou. Também foi sorte.
A lei que o ameaçava foi amiga,
Reduziu-se a exílio. Inda mais sorte.
Tantas bênçãos pousaram em você,
Tanta alegria o busca, engalanada!
Mas, como a rapariga de maus modos,
Você faz beijo ante a fortuna e o amor.
Procure o seu amor, segundo os planos,
Suba ao seu quarto — vá reconfortá-la.
Cuidado pra partir antes da Guarda,
Senão não vai poder passar pra Mântua,
Onde há de morar até o momento
De revelar sua boda e, entre amigos,
Imploramos ao duque a sua volta,
Com milhares de vezes mais motivo
Pra alegria que hoje há pra lamento.
Vá indo, Ama, com meus cumprimentos;
E que todos na casa vão pro leito,
Que uma grande tristeza o recomenda.
Romeu vai já.
Ama
Eu ficaria aqui a noite inteira
Ouvindo os seus conselhos. É o saber!
Senhor, direi à ama que irá logo.
Romeu
Que se prepare pra me condenar.

(Ama vai sair, mas volta.)

Ama

Ela pediu que lhe desse este anel.

Apresse-se, senhor, que já é tarde. *(Sai.)*

Romeu

Como isto me alegra e reconforta.

Frei

Vá logo, e boa-noite. O caso é este:

Ou você parte antes que a guarda chegue,

Ou de manhã viaja disfarçado.

Fiquei em Mântua. Eu procurarei seu pajem,

Que de tempos em tempos lhe dará

Todas as boas novas que houver.

A sua mão. É tarde. Vá com Deus.

Romeu

Se a alegria do amor não me chamasse,

Não creia que daqui eu me afastasse.

(Saem.)

Cena IV

(Entram Capuleto, a senhora Capuleto e Páris.)

Capuleto

Foi muito triste tudo o que se deu.
Não houve tempo pra falar com ela.
Julieta amava muito a Teobaldo;
Eu também. Pra morrer basta estar vivo.
É bem tarde; ela não desce mais, hoje.
Se não fosse por sua companhia,
Nós também já 'staríamos deitados.

Páris

Hora de dor não é hora pra corte.
Boa-noite, senhora. Recomende-me.
Sra. Capuleto
Pois não. E amanhã terá resposta;
Esta noite a tristeza é que a domina.

(Páris vai sair, porém Capuleto torna a chamá-lo.)

Capuleto

Páris, por imprudência eu mesmo empenho
O amor de minha filha. Eu acredito
Que em tudo ela será obediente;
Nem o duvido. Antes de deitar-se,
Vá falar-lhe, mulher, do amor de Páris,
E diga, 'stá ouvindo? — que na quarta —
Que dia é hoje?

Páris

É segunda, senhor.

Capuleto

Segunda? Ah, bem; quarta é cedo demais.
Que na quinta — isso, quinta — diga-lhe,
Irá casar-se com este nobre conde.

Estará pronto? Gosta desta pressa?
Não vai ser festa. Só uns dois amigos.
A morte de Teobaldo é tão recente
Que diriam, se houver muito festejo,
Que não o tínhamos em grande apreço.
Teremos só meia dúzia de amigos,
E fica nisso. O que diz da quinta?
Páris
Que é pena a quinta não ser amanhã.
Capuleto
Agora, vá. Será na quinta, e pronto.
Procure Julieta agora à noite;
Prepare-a, mulher, para essa boda.
Adeus, senhor. Quero luzes pro quarto!
Ora essa, é tão tarde que já posso
Daqui a um pouco dizer que é cedo. Adeus.
(*Saem.*)

Cena V

(Entram Romeu e Julieta, ao alto, na janela.)

Julieta

Mas já quer ir? Ainda não é dia.
Foi só o rouxinol, não cotovia
Que penetrou seu ouvido assustado.
Toda noite ele canta entre as romãs.
Verdade, amor; foi só o rouxinol.

Romeu

Foi o arauto do dia, a cotovia,
E não o rouxinol. Veja os clarões
Que já rendaram as nuvens no leste.
Cada vela do céu já se apagou,
E o dia, triunfante, se prepara
Para pisar nos cumes das montanhas.
Ou vou e vivo, ou fico aqui e morro.

Julieta

Essa luz não é dia, amor; eu sei.
É um meteoro que o Sol exalou
Só pra servir de tocha pra você,
E iluminar seu caminho para Mântua.
Fique um pouco; não é preciso ir.

Romeu

Então, que eu fique, e seja executado;
Concordo, se é assim que você quer.
Esse cinza não é olhar da aurora,
Mas só o reflexo pálido da lua.
Não ouvi cotovia, cujo canto
Reboa até a cúpula do céu.
Que me importa partir. Quero ficar.
Conversemos, amor; não é a aurora.

Julieta

É sim, é sim; você tem de ir embora.
É a cotovia que canta assim, tão mal,

Com agudos estridentes, em discórdia.
Dizem que a cotovia faz, com graça,
A divisão dos ritmos de seu canto;
Mas, sem graça, ela agora nos divide.
Dizem que ela e o sapo trocam de olhos;
Só sinto que não troquem também de voz,
Pois sempre me parece rude e armada,
E o expulsa daqui nesta caçada.
Vá embora; a luz cresce e mostra as cores.
Romeu
Clara é a luz, escuras nossas dores.

(Entra a Ama, apressada.)

Ama
Senhora.
Julieta
O que é, Ama?
Ama
A senhora sua mãe vem ao seu quarto.
Já é dia; é melhor 'star prevenida. *(Sai.)*
Julieta
Janela, que entre a luz e saia a vida!
Romeu
Adeus; um beijo mais e eu desço.

(Ele desce.)

Julieta
Já se foi meu amor, marido e amigo?
Eu quero que me escreva de hora em hora,
Pois são muitos os dias de um minuto.
Contando assim, eu já 'starei velhinha
Antes de rever meu Romeu.
Romeu
Adeus.
Não perderei nenhuma ocasião
De mandar meu amor e novidades.

Julieta

Você crê que algum dia nos veremos?

Romeu

Sem dúvida. E essa dor que hoje sentimos

Servirá pra conversa, no futuro.

Julieta

Meu Deus, só sou vidente para o mal!

Parece-me que o vejo, bem distante,

Como um morto, no fundo de um caixão.

São os meus olhos, ou você está pálido?

Romeu

Aos meus, querida, você também está.

A dor bebeu o nosso sangue. Adeus. *(Sai.)*

Julieta

Ah, Fortuna, que dizem caprichosa;

Se o fores, o que hás de querer dele,

Famoso por firmeza? Muda, então,

Pra não querê-lo mais, em pouco tempo,

E mandá-lo de volta.

(Entra a senhora Capuleto.)

Sra. Capuleto

'Stá acordada?

Julieta

Quem me chama? A senhora minha mãe?

Ainda não deitou ou madrugou?

O que, de inesperado, a traz aqui?

(Ela se afasta da janela.)

Sra. Capuleto

Como está, filha?

(Entra Julieta.)

Julieta

Não 'stou bem, senhora.

Sra. Capuleto

Sempre a chorar a perda do seu primo?

Vai tirá-lo da cova só com pranto?

Nem isso poderia dar-lhe vida.

Portanto, basta: há pranto que é de amor,

Mas o excessivo é falta de juízo.

Julieta

Permita-me que eu chore a minha perda.

Sra. Capuleto

Assim só chora a perda, e não o amigo

Por quem chorou.

Julieta

Mas ao sentir a perda,

É importante que eu não chore o amigo.

Sra. Capuleto

Por sua morte nunca há de chorar

Tanto quanto o vilão que o assassinou.

Julieta

Senhora, que vilão?

Sra. Capuleto

Ora, Romeu.

Julieta

A vilania e ele estão bem longe;

Deus o perdoe. Eu já perdoei;

Mas ninguém tanta dor me traz ao peito.

Sra. Capuleto

É porque o assassino ainda vive.

Julieta

Vive longe do alcance destas mãos.

Eu quero que só eu vingue o meu primo.

Sra. Capuleto

Não tenha medo; ele será vingado.

Não chore mais. Mandarei a Mântua,

Onde mora o bandido renegado,

Alguém que a ele dê droga tão rara

Que em breve ele estará com Teobaldo;

E espero, então, que fique satisfeita.

Julietta

Na verdade, não fico satisfeita
Com Romeu, antes que o veja — morto —
Qual o meu coração por um parente.
Senhora, se encontrar um mensageiro
Para o veneno, hei de temperá-lo,
Pra Romeu, logo após o receber,
Dormir em paz. Meu coração odeia
Ouvir seu nome sem poder tocá-lo,
Pr'eu expressar o amor que tinha ao primo
No próprio corpo de quem o matou.

Sra. Capuleto

Encontre a droga que eu encontro o homem.
Mas, agora, eu lhe trago boas novas.

Julietta

Que nova é boa em tempo como este?
Mas por favor, senhora, quais são elas?

Sra. Capuleto

Já sabe que seu pai pensa em você;
E, para aliviar sua tristeza,
Ele marcou um dia de alegrias
Que nem você nem eu hoje esperávamos.

Julietta

Que bom, senhora. Mas que dia é esse?

Sra. Capuleto

Filha, na quinta-feira, de manhã,
O guapo e muito nobre cavalheiro
Conde Páris, na igreja de São Pedro,
A fará sua noiva radiosa.

Julietta

Pela igreja de São Pedro e de São Paulo,
Ele não vai me fazer noiva alguma.
Só me espanta essa pressa pr'eu casar,
Antes que esse marido faça a corte.
Por favor, diga a meu pai e senhor
Que não me caso ainda. E se casasse

Seria antes com Romeu, que odeio,
Que com Páris. Então a nova é essa?
Sra. Capuleto
Lá vem seu pai. Então, diga isso a ele,
Pra ver se ele o escuta, de você.

(Entram Capuleto e a Ama.)

Capuleto
Ao pôr do sol o orvalho cobre a terra,
Mas para o enterro deste meu sobrinho
Foi chuva que tivemos.
O que é isso, menina: virou bica?
Só chora e pinga? Em miniatura
Você já virou casco, mar e vento,
Pois seus olhos são mar que desce e sobe
Com choro de maré. Seu corpo é a nau
Que ali navega; os ventos, seus suspiros
Que rugem e sacodem suas lágrimas,
Que se não se acalmarem vão levar
Seu corpo a naufragar. Então, mulher,
Já lhe contou nossa decisão?

Sra. Capuleto
Eu, já. Ela agradece, mas não quer.
Melhor casar a tonta com uma cova.
Capuleto
Um momento, mulher. Que foi que disse?
Como? Não quer? E não nos agradece?
É orgulhosa? Não vê que é uma bênção,

Tendo tão poucos méritos, que nós
A demos como noiva a um tal homem?

Julietta
Não sinto orgulho e sou agradecida.
Não posso ter orgulho do que odeio,
Mas sou grata pelo ódio que é amor.
Capuleto

O quê? O quê? Tem lógica de hospício?
“Orgulhosa”, “Agradecida”, “Não quero”,
Mais “não sou orgulhosa”? Menininha,
Nada de agradecimentos nem de orgulhos;
É só juntar os ossos pra, na quinta,
Ir com Páris à igreja de São Pedro,
Ou a arrasto até lá pessoalmente.
Verme anêmico! Lixo, passa fora!
Cara de vela!
Sra. Capuleto
O que é isso? Está louco?
Julieta
Meu bom pai, eu imploro, de joelhos;

(Ajoelha-se.)

Ouçã com paciência uma palavra.
Capuleto
Vá pra força, rebelde de uma figa!
Pois ouçã: vais pra igreja quinta-feira
Ou nunca mais verás este meu rosto.
Não fale, não replique, não responda.
A palma 'stá coçando. Nós, mulher,
Julgamos pouca bênção a que Deus dera
Com esta filha única; mas hoje
Percebo que essa única é demais.
E que fomos malditos ao gerá-la.
Sai, vagabunda.

Ama
Deus a abençoe.
Faz muito mal, senhor, dizendo isso.
Capuleto
Por que, “sua” Sabe-Tudo? Cale a boca,
Vá fazer seus fuxicos na cozinha!
Ama
Não faltei com o respeito.

Capuleto

Santo Deus!

Ama

Não se pode falar?

Capuleto

Chega, idiota!

Vá pregar em conversa de comadres;

Aqui não é preciso.

Sra. Capuleto

Não se exalte.

Capuleto

Exaltar-me? Mas Deus é testemunha

Que dia e noite, em luta e em lazer,

Só ou acompanhado, sonhei sempre

Com casar bem a filha. Pois agora,

Ofereço-lhe um nobre cavalheiro,

De grandes posses, jovem, de linhagem,

Coalhado, como dizem, de virtudes,

Tão belo quanto calha bem a um homem,

E me aparece essa maldita idiota,

Choramando diante de tal sorte,

E a dizer: “Não me caso”, “Eu não o amo”,

“Sou jovem, por favor, peço perdão!”

Pois não case, pra ver que perdão tem!

Pode ir pastar, que aqui não come mais.

Pense bem, que eu não sou de brincadeiras.

Quinta está aí. Use a mente e o coração.

Ou é minha pr’eu dá-la ao meu amigo

Ou enforque-se, então! Morra nas ruas!

Pois juro por minh’alma renegá-la

E impedir que o que é meu venha a ser seu.

Acredite e reflita. Eu juro e cumpro. (*Sai.*)

Julietta

Será que o céu não tem misericórdia

Que veja até o fundo a minha dor?

Não me renegue, minha mãe querida,

Adie a boda um mês, uma semana,

Se não, prepare o leito nupcial
Na tumba escura onde jaz Teobaldo.
Sra. Capuleto
Não me digas nada, porque eu não respondo.
Faça o que bem quiser. Eu lavo as mãos. *(Sai.)*

Julieta
Ama, meu Deus, como evitar tudo isso?
Com o marido na terra, as juras feitas,
Como hei de ter na terra votos santos
Senão com meu marido já no céu,
Longe da terra? O que diz? Me aconselhe!
Como é possível que o céu brinque assim
Com súdita tão fraca quanto eu?
Que diz? Nem um traço de alegria?
Não há consolo, Ama?

Ama
Certo que há.
Romeu está banido; aposto o mundo
Que não ousa voltar pra reclamá-la.
Se o fizer, há de ser às escondidas.
Então, as coisas 'stando como 'stão,
Eu creio que é melhor casar com o conde.
Que bonito que ele é!
Romeu, ao lado dele, é um rebotalho.
Nem águia tem olhar tão verde e esperto
Quanto Páris. De coração lhe digo
Que teve sorte nesta nova união:
É melhor que a primeira, e se não fosse,
Seu marido está morto, ou é se como
Viesse aqui sem você o querer.

Julieta
Fala de coração?

Ama
De alma também; que eu me dane se não.

Julieta
Amém.
Ama

O quê?

Julieta

O seu consolo foi maravilhoso.

Vá dizer a mamãe que eu já saí,

Por desgostar meu pai, pra ir à igreja,

Pra confessar-me e ter absolvição.

Ama

Que bom, já vou; está sendo ajuizada. (*Sai.*)

Julieta

Velha maldita! Monstro de maldade!

Peca mais quem me quer assim perjura,

Ou quem ofende assim ao meu senhor,

Com a mesma língua com que tantas vezes

O colocou no céu? Vá, conselheira.

Doravante seguimos dois caminhos.

Frei Lourenço dirá o que fazer;

Se tudo mais falhar, posso morrer. (*Sai.*)

Ato IV

Cena I

(Entram Frei Lourenço e Páris.)

Frei

Quinta, senhor? O tempo é muito curto.

Páris

O meu pai Capuleto assim o quer

E não me oponho a essa sua pressa.

Frei

Diz que não sabe a opinião da moça;

É mau começo e eu não gosto disso.

Páris

Ela chora Teobaldo como louca:

Por isso não falei do meu amor,

Pois Vênus não sorri em meio a lágrimas.

Seu pai, senhor, julgando perigoso

Ela entregar-se de tal modo à dor,

Apressou sabiamente o casamento,

Pra represar a inundação de lágrimas

Que aumentam sempre quando está sozinha,

Mas talvez cessem tendo companhia.

Conhece assim o porquê desta pressa.

Frei

Quisera não saber por que atrasá-las —

Mas eis que a jovem chega à minha cela.

(Entra Julieta.)

Páris

Que bom vê-la, minha senhora-esposa.

Julieta

Talvez seja, se um dia eu for esposa.

Páris

O que será, amor, na quinta-feira.

Julieta

O que será, será.

Frei

Boas palavras.

Páris

'Stá aqui pra confessar-se com este frade?

Julieta

Responder o fará meu confessor.

Páris

Por favor, não lhe negue que me ama.

Julieta

Ao senhor só confesso que amo a ele.

Páris

E a ele que me ama, com certeza.

Julieta

Se assim for, sempre será melhor

Dizê-lo às suas costas que a seu rosto.

Páris

Seu rosto foi marcado pelas lágrimas.

Julieta

Não foi grande vitória para elas;

Não era grande coisa antes da dor.

Páris

Só dizer isso ofende mais que o pranto.

Julieta

Senhor, não é calúnia, é só verdade

Que digo frente a frente com meu rosto.

Páris

Mas o seu rosto é meu — e assim o ofende.

Julieta

Pode até ser, pois ele não é meu.

Meu santo pai, vai ficar livre agora

Ou é melhor à noite, após a missa?

Frei

Eu tenho tempo agora, triste filha.

Devemos ficar sós, senhor, agora.

Páris

Sabe Deus que não impeço devoções.
Julieta, quinta cedo eu a desperto;
Até então adeus, e um beijo santo. (*Sai.*)

Julieta

Feche a porta, e depois de a ter trancado,
Vamos chorar, sem cura ou esperança!

Frei

Ah, Julieta, eu sei da sua dor,
Que me arrasta aos limites da razão.
Soube que tem — sem nada que o adie —
De se casar na quinta com esse conde.

Julieta

Meu pai, não diga que já sabe disso,
Se não for pra dizer como evitá-lo.
Se todo o seu saber não me ajudar,
É só julgar que 'stou agindo certo
E esta faça me ajuda, num momento.
Romeu e eu por Deus fomos unidos,
E antes que a mão pelo senhor unida
Seja marcada por um outro voto,
Ou que o meu coração em vil traição
Se entregue a outro, essa mão mata os dois.
Portanto, usando a sua experiência,
Diga-me o que fazer, ou testemunhe
Entre mim e a minha dor, este punhal
Servir de árbitro e solucionar
O que nem sua idade ou sua arte
Puderam resolver pra mim com honra.
Mas chega de falar. Quero morrer,
Se o que diz não me trazer remédio.

Frei

Espere, pois vislumbro uma esperança,
Que exige execução desesperada,
Pois é o desespero que ela evita.
Se, antes de casar com o conde Páris,
Você tem forças para se matar,

Então creio que há de enfrentar bem
Morte falsa que evita essa vergonha.
Se pra escapar pensava em se matar,
Se quiser arriscar, dou-lhe o remédio.

Julietta

Ah, mande-me saltar, pra não casar,
Da mais alta das torres, ou andar
No meio de bandidos, ou pisar
Em serpentes. Acorrente-me a ursos,
Esconda-me de noite num ossário,
Repleto de esqueletos de mil mortos,
Pedacos fedorentos ou caveiras;
Ou peça-me que eu entre em tumba nova
Pra esconder-me com alguém numa
mortalha —

Outrora tudo isso me assustava —
Mas hoje o faço sem temor ou dúvida,
Pra manter-me fiel ao meu amor.

Frei

Pois vá pra casa alegre, e diga sim,
Que aceita Páris. Amanhã é quarta;
Pois à noite, amanhã, durma sozinha,
Não permita que a Ama a acompanhe.
Tome este vidro e, quando já deitada,
Tome o líquido todo que contém.
Sentirá logo correr por suas veias
Um gélido torpor, pois o seu pulso
Não bate mais, por ser então suspenso:
Nem calor nem arfar mostrarão vida.
A rosa de seus lábios vai sumir,
Virando cinza, e a janela dos olhos
Se fechará ao dia, como em morte,
Co'esse falso aspecto de cadáver
Você há de manter-se por dois dias,
Pra depois despertar, como de um sono.
Quando o noivo chegar, pela manhã,

Pra tirá-la da cama, a verá morta;
E segundo os costumes do país,
Com seu melhor vestido e descoberta,
Será levada pra capela antiga

Na qual repousam sempre os Capuletos.
No meio-tempo, e antes que desperte,
Romeu, por carta minha, é informado
E, assim que chegue, juntos — ele e eu —
Iremos acordá-la. E nessa noite
Romeu há de levá-la para Mântua,
Livrando-a da vergonha deste instante,
Se tolíce ou temores femininos
Não a impedem de o levar avante.

Julietta

Oh, dê-me o vidro, e não me fale em medo.

Frei

Tome aqui. Vá. E seja resoluto
Na decisão. Despacho logo um frade
Para Mântua, com carta para Romeu.

Julietta

Deus me dê forças, para o amparo meu.
Adeus, meu pai.

(Saem.)

Cena II

(Entram Capuleto, a senhora Capuleto, a Ama e dois ou três criados.)

Capuleto
Convide aqueles que escrevi aqui.

(Sai criado.)

Rapaz, trate vinte cozinheiros.

Criado
E serão todos bons, pois vou saber se são de bom tempero.

Capuleto
E como vai saber?

Criado
Ora, todo cozinheiro mete a mão no que faz; o que não lambe os
beijos com prazer depois de lambe o dedo é porque não é bom.

Capuleto
Vá logo.

(Sai o criado.)

O dia nos pegou desprevenidos.
A minha filha 'stá com Frei Lourenço?

Ama
Acho que sim.

Capuleto
Pois espero que ele lhe dê jeito;
O que fez foi bobagem caprichosa.

(Entra Julieta.)

Capuleto

Cabeçudinha, onde andou passeando?

Julietta

Onde aprendi a lamentar o erro

Do pecado da desobediência

Ao senhor e aos seus desejos. Mandou-me

O Frei Lourenço que aqui me prostrasse

Para implorar perdão. Perdão eu peço;

Doravante farei tudo o que manda.

(Ela se ajoelha.)

Capuleto

Chamem o conde, pra avisá-lo disso.

Amanhã de manhã ata-se o nó.

Julietta

Encontrei o jovem nobre na igreja,

E tratei-o com o amor que me era possível

Sem ferir os limites da modéstia.

Capuleto

Estou contente. Muito bem. Levante-se.

É assim que deve ser. Direi ao conde.

Virgem Mãe! Vão buscá-lo logo, logo.

Por Deus que ao nosso reverendo frade

Nossa cidade inteira é devedora.

Julietta

Ama, quer vir comigo pro meu quarto,

Ajudar-me a escolher os ornamentos

Que lhe pareçam certos pra amanhã?

Sra. Capuleto

Mas não, é só na quinta; há muito tempo.

Capuleto

Vá ajudá-la; amanhã vai pro altar.

(Saem Julietta e a Ama.)

Sra. Capuleto

Vai haver falta em nossas provisões;

Já são quase oito horas.
Capuleto
Deixe estar;
Eu me mexo, mulher, e vai dar certo.
Vá ajudar a enfeitar Julieta.
Hoje eu não deito; fico aqui sozinho.
Dona de casa desta vez sou eu.
Olá! 'Stão todos ocupados. Bem,
Vou alertar eu mesmo o conde Páris

Para amanhã. Meu coração 'stá leve
Com o ar arrependido da menina.

(Saem.)

Cena III

(Entram Julieta e a Ama.)

Julieta

Esse é o mais bonito. Ama querida,
Quero ficar sozinha hoje de noite,
Pois necessito muito de orações
Para implorar ao céu que me sorria
Embora eu, como sabe, peque tanto.

(Entra a senhora Capuleto.)

Sra. Capuleto

Mas quanta agitação! Querem ajuda?

Julieta

Não, senhora; já separamos tudo
Que calha bem ao ato de amanhã.
Eu peço que me deixe só, agora,
E leve a Ama para acompanhá-la.
Pois 'stou certa que está muito ocupada
Com a festa inesperada.

Sra. Capuleto

Boa-noite.

Vá deitar-se e descanse, pois precisa.

(Saem a senhora Capuleto e a Ama.)

Julieta

Adeus! Quando de novo nos veremos?
Sinto o medo correndo em minhas veias,
Congelando o calor da minha vida.
Vou chamá-las de volta, a confortar-me.
Ama! Que poderá fazer aqui?
Esta cena de horror é só pra mim.
Vem, frasco.

E se a mistura não agir de todo?
Terei de me casar pela manhã?
Não! Isto o impedirá. Deita-te ali.

(Deposita o punhal na cama.)

E se for um veneno este que o frade
Sutilmente me deu, e irá matar-me,
Pra não perder a honra desta boda,
Já que antes me casou com o meu Romeu?
Tenho medo que sim; mas não o creio,
Pois ele sempre foi um homem santo.
E se depois de ser posta no túmulo
Eu me acordar muito antes que Romeu
Venha buscar-me? Isso me apavora!
Morrerei sufocada no jazigo
Em cuja boca o ar puro não penetra,
Sem poder respirar e sem Romeu?
Ou, se ainda viver, não é provável
Que a ideia da morte, nessas trevas,
Junto ao terror que inspira esse lugar,
Sepultura terrível onde moram
Os ossos que por séculos e séculos
Minha família foi depositando;
Onde Teobaldo, recém-enterrado,
Jaz em sua mortalha apodrecendo;
Onde dizem que à noite, em negras horas,
Surgem fantasmas... Ai, não é provável
Que eu, acordando em meio a esses cheiros
De morte e aos guinchos rudes das mandrágoras,
Que fazem os mortais enlouquecerem —
Não é provável que eu me torne louca,
Cercada desses medos pavorosos?
Que eu brinque com os ossos desses mortos,
Ou que tire Teobaldo da mortalha?
E no delírio vá, em desespero,
Despedaçar meu cérebro entre os ossos?

Vejam só o fantasma de meu primo
Procurando Romeu, que o assassinou
Com a ponta de um punhal. Para, Teobaldo!
Romeu, Romeu, é por você que eu bebo!

(Ela cai na cama, atrás do cortinado.)

Cena IV

(Entram a senhora Capuleto e a Ama.)

Sra. Capuleto

Precisamos de mais temperos, Ama.

Ama

Querem marmelo e passas para as tortas.

(Entra Capuleto.)

Capuleto

Vamos! Depressa! O galo já cantou!

O recolher soou; já são três horas.

Fica de olho nessa carne, Angélica:

Nada de economias.

Ama

Vá, patrão;

Vá deitar. Amanhã vai 'star doente,

Rodando a noite inteira.

Capuleto

Já passei muitas noites sem dormir

Por muito menos, sem ficar doente.

Sra. Capuleto

Sua vez de caçar ratos já passou;

Mas eu vou vigiar essa vigília.

(Saem a senhora Capuleto e a Ama.)

Capuleto

Isso é ciúme; é ciúme!

(Entram três ou quatro criados com espetos, lenha e cestas.)

O que é isso?

1o Criado
É pra cozinha; não sei o que é.
Capuleto
Pois vá depressa!

(Sai o 1o Criado.)

Vá pegar mais lenha!
Pedro, mostra onde é que fica a seca.
2o Criado
Minha cabeça dá pra encontrar lenha.
Eu não preciso incomodar o Pedro.
Capuleto
É bem esperto esse filho da mãe.
Um cabeça de pau!

(Sai o 2o Criado.)

Mas já é dia!

(Tocam música.)
O conde vai chegar já, já, com música,
Pois assim disse. Já o ouço, agora.
Ama! Mulher! Olá! Venha cá, Ama!

(Entra a Ama.)

Vá acordar e enfeitar Julieta;
Eu vou falar com Páris. Vá depressa,
Depressa, porque o noivo já chegou.
Vá depressa!

(Sai Capuleto.)

Cena V

(A Ama vai abrir o cortinado da cama.)

Ama

Patroa! Julieta! Inda dormindo?

Carneirinho! Noivinha! Preguiçosa!

Sempre calada? Ainda cochilando?

Pois descanse, porque, logo de noite,

Eu garanto que Páris vai lutar

Pra não lhe dar descanso! Deus o ajude!

Valha o céu! Mas que sono mais profundo!

Eu tenho de acordá-la. Patroinha!

Se o conde vem e a pega aqui na cama,

Você vai ter um susto. Se não vai!

Mas o que é isso, se deitou vestida?

É preciso acordar! Minha senhora!

Ai, ai! Socorro! A patroa está morta!

Maldito o dia em que eu nasci! Socorro!

Aqua vitae! Ai, ai, patrão! Senhora!

(Entra a senhora Capuleto.)

Sra. Capuleto

Mas que barulho é esse?

Ama

Ah, dia triste!

Sra. Capuleto

O que foi?

Ama

Veja, veja! Ah, dia horrível!

Sra. Capuleto

Ai de mim! Minha filha, minha vida!

Reviva e abra os olhos, ou eu morro!

Socorro! Quem me ajuda?

(Entra Capuleto.)

Capuleto

Que atraso é esse? Páris já chegou.

Ama

Ela 'stá morta! Morreu! Dia aziago!

Sra. Capuleto

Ai de mim, ela está morta! 'Stá morta!

Capuleto

O quê? Deixem-me vê-la. Ela está fria.

O sangue está parado, as juntas duras;

Há muito que esses lábios não têm vida.

A morte, qual geada, pousou nela,

Na flor mais linda que os campos já viram.

Ama

Mas que dia aziago!

Sra. Capuleto

Que tristeza!

Capuleto

A morte que me fez gritar de dor

Me prende a língua e tira-me as palavras.

(Entra Frei Lourenço, com Páris e os músicos.)

Frei

Como é? A noiva está pronta pra igreja?

Capuleto

Pronta pra ir, mas nunca pra voltar.

Filho, na noite antes do casamento,

Deitou-se a Morte com a noiva. 'Stá ali

Uma flor deflorada pelo além.

Meu genro é a Morte. A Morte é meu herdeiro.

Páris

Esperei tanto por esta manhã

E me deparo com um quadro desses?

Sra. Capuleto

Oh, dia horrível, infeliz, maldito!

Hora pior que todas que este mundo

Já viu em sua peregrinação.

Uma filha, uma só, a pobrezinha,
Minh'única alegria, meu conforto,
Me foi tirada pela Morte cruel.

Ama

Miséria! Dia triste, dia odioso!
Oh dia lamentável, triste, triste!
O pior que já vi em toda a vida.
Oh dia de terror, dia de ódio!
Jamais houve outro dia negro assim.
Ah, dia de tristeza, de tristeza.

Páris

Enganado, ofendido, divorciado.
Morte odienta, por ti fui enganado,
Derrotado por tua crueldade.
Amor! Vida! Não vida, amor na morte!

Capuleto

Desprezado! Odiado! Sim, e morto!
Tempo infeliz, por que chegaste agora
Pr'assassinar nossa solenidade?
Minha filha! Mais que filha, minh'alma!
'Stá morta, ai, ai, morreu a minha filha!
E com ela se enterra a alegria.

Frei

Mas o que é isso? A cura do terror
Não 'stá em mais terror. O céu e vós
Tinham partes iguais nessa donzela;
E se agora ela é toda do céu,
Para a donzela isso é um bem maior.
A vossa parte perde-se com a morte,
Mas o céu tem a sua para sempre.
O vosso esforço foi aprimorá-la.
Pois vosso céu era vê-la importante;
E agora vós chorais vendo-a ganhar
O próprio céu, para além dessas nuvens?
Amar assim é mal-amar a filha,
Enlouquecendo ao vê-la assim tão bem.
Não casa bem quem casa muito tempo;

Casa melhor quem casa e morre cedo.
Secai o pranto e cobri com rosmaninho
Seu corpo lindo e como manda o uso,
Levai-a à tumba com as melhores vestes.
Mentes tolas nos dizem pra chorar,
Mas do pranto a razão tem de ganhar.
Capuleto

Tudo aquilo pra festa encomendado
Agora em funeral é transformado:
Nossa música em dobre melancólico,
Nossa boda feliz em triste enterro,
Nossos hinos agora são lamentos,
Nossas grinaldas hoje são coroas
E tudo transformou-se em seu contrário.

Frei
Entrai, senhor; e vós, minha senhora.
Vá, senhor Páris. Aprontai-vos todos
Para levar à cova a linda morta.
O céu vos pune por alguma falta;
Não se contesta vontade tão alta.

(Saem todos menos a Ama e os músicos, ela cobrindo Julieta com rosmaninho e fechando o cortinado.)

1º Músico
Melhor guardar a flauta e ir embora.
Ama
Vocês são bons rapazes; guardem tudo,
Pois já viram que o caso é muito triste.
1º Músico
Como as flautas, o caso 'stá encerrado.

(Sai a Ama.)

(Entra Pedro.)

Pedro
Músicos, música! “Alegrias do coração!” “Alegrias do coração!” Se

querem que eu viva, toquem “Alegrias do coração!”

1º Músico

Mas por que “Alegrias do coração”?

Pedro

Ah, músicos, porque sozinho meu coração só está tocando
“Tristezas do coração”. Por favor, toquem qualquer bobagem alegre
para me confortar.

1º Músico

Bobagem nós não tocamos! Menos ainda em horas como esta.

Pedro

Então não tocam?

1º Músico

Não.

Pedro

Pois vão acabar sentindo o meu toque!

1º Músico

E que toque vai nos dar?

Pedro

Em dinheiro não tocam; só em couro; toco pra fora como
saltimbancos ordinários.

1º Músico

Quem, você? Um criado ordinário?

Pedro

Pois vai sentir minha adaga ordinária na cabeça. Eu vou do-ré-mi
vocês; pode notar.

1º Músico

Se nos mi-fá, vai receber nossas notas.

2º Músico

Melhor guardar a faca e usar o bestunto.

Pedro

Vou liquidá-los com uma bestuntada. Dou-lhes uma surra com
bestunto de ferro, e descanso o ferro da faca. Falem feito homem.

Quando a dor o nosso coração maltrata

E a tristeza nos vem oprimir a mente,

Então a música com seu som de prata...

Por que som de prata? Por que “a música com seu som de prata”?

O que diz, Simão Viola?

1º Músico

Ora, é que a prata tem um som bem bonito.

Pedro

Muito bem. E você, Hugo Rabeca?

2º Músico

Eu digo que é “som de prata” porque os músicos tocam por prata.

Pedro

Bom, também. E João do Grito?

3º Músico

Eu não sei o que dizer.

Pedro

É mesmo! Você é cantor. Mas eu explico. É “música com som de prata” porque os músicos não ganham ouro pra tocar.

Quando a música com seu som de prata

Ajuda a curar tudo de repente.

(Sai.)

1º Músico

Mas que sujeito mais pestilento.

2º Músico

Que vá se enforçar.

Vamos, temos de esperar pelos que choram e pelo jantar.

(Saem.)

Ato V

Cena I

(Entra Romeu.)

Romeu

Se o otimismo do sono é confiável,
Meus sonhos me predizem boas novas.
O senhor do meu peito bate alegre
Em seu trono, feliz — que é coisa rara —
E o pensamento voa com esperanças.
Sonhei que o meu amor me achava morto —
Com a licença do sonho, o morto pensa! —
E com seus lábios me insuflou tal vida,
Que eu revivi e era imperador.

Deus, que doce há de ser o amor em si,
Se a sua sombra nos faz tão felizes.

(Entra Baltasar, criado de Romeu, de botas.)

Notícias de Verona! Baltasar!

Trouxe carta pra mim de Frei Lourenço?
Como está minha dama? E o meu pai?
Como está Julieta? Sim de novo,
Pois não há mal se ela estiver bem.

Baltasar

Então ela está bem, e não há mal.
Seu corpo jaz na tumba Capuleto,
E sua parte imortal está com os anjos.
Eu a vi sepultada com os parentes,
E logo cavalguei para encontrá-lo.
Peço perdão por lhe trazer tristeza,
Mas se eu sou correio é por suas ordens.

Romeu

Verdade? Então eu desafio os astros!

Leve papel e tinta à minha casa,
E cavalos, também. Parto esta noite.

Baltasar

Meu senhor, eu peço, seja paciente;
A sua louca palidez sugere
Algum desastre.

Romeu

Isso é engano seu.
Deixe-me, e vá fazer o que eu pedi.
O frade não mandou nenhuma carta?

Baltasar

Não, senhor.

Romeu

Não importa; pode ir.
Veja os cavalos, que eu o encontro já.

(Sai Baltasar.)

Julietta, hoje eu durmo com você.
Vamos ver como. A maldade penetra
Veloz na mente do desesperado.
Eu me lembro que há um boticário
Que mora por aqui — há pouco o vi,
Em andrajos, com o ar preocupado,
Catando ervas. Com o aspecto esquelético,
Sua miséria lhe exibia os ossos.
Em sua loja pendem tartarugas,
Jacarés empalhados, outras peles
De estranhos peixes; e nas, prateleiras,
Uma fila de caixas já vazias,
Potes, bexigas e sementes secas,
Pedacos de barbantes, rosas secas,
Se espalham para disfarçar o quadro.
Notando essa penúria, pensei eu:
“Se alguém, agora, quisesse um veneno
Proibido com morte aqui em Mântua,
Esse é o infeliz que o poderia obter.”
Prenunciava esta necessidade!

Pois ele há de vender-me o que eu preciso.
Parece-me que é esta a casa dele.
É feriado; a loja está fechada.
Boticário! Onde está?

(Entra o Boticário.)

Boticário
Quem grita assim?
Romeu
Venha cá, homem. Sei que não tem nada;
Eis quarenta ducados pra me dar
Um pouco de veneno, coisa rápida,
Que se espalhe por veias e artérias
E faça quem o tomar cair morto,
E o hálito fugir de tronco e membros

Com a violência e a velocidade
Que a bala sai do ventre do canhão.
Boticário

Tenho a droga mortal, porém as leis
Dão morte para quem a fornecer.
Romeu
E você, tão coberto de desgraças,
Teme morrer? O seu rosto é de fome;
Pobreza e opressão comem seus olhos;
Desprezo e mendicância é que o vestem;
As leis do mundo não lhe têm amor:
Nenhuma lei do mundo o fará rico;
Pois, pobre, quebre a lei e aceite isto.

Boticário
Consinto por pobreza, não vontade.

Romeu
Eu não pago a vontade, só a pobreza.

Boticário
Desmanche este veneno em qualquer líquido.
Tome-o, e até com a força de mais vinte,

Ele o despacha no mesmo momento.

Romeu

Eis o seu ouro, um veneno pra alma

Que mata muito mais por este mundo

Que este pó, que ninguém pode vender.

Você comprou veneno, não vendeu;

Adeus, compre comida e ganhe peso.

Eu não comprei veneno, comprei cura;

E bebo ao meu amor, na sepultura. (Saem.)

Cena II

(Entra Frei João.)

Frei João
Bendito franciscano! Irmão! Olá!

(Entra Frei Lourenço.)

Frei
Parece-me que é a voz de Frei João.
Chegou de Mântua? O que diz Romeu?
Ou, se escreveu, dê-me aqui sua carta.

Frei João
Eu procurei um outro irmão descalço,
Da nossa Ordem, para ir comigo,
Que aqui viera visitar doentes.
Ao encontrá-lo, a guarda da cidade,
Pensando que nós tínhamos estado
Onde grassava a peste infecciosa,
Selou a porta e nos prendeu lá dentro;
E ali parou minha ida para Mântua.

Frei
Quem levou minha carta pra Romeu?

Frei João
Eu não pude mandá-la — aqui está —
E nem tampouco trazê-la de volta,
Tamanho era o seu medo da infecção.

Frei
Mas que infortúnio! Pela minha ordem,
A carta era mais séria que um recado;
Muito importante, o fracasso na entrega
É muito perigoso. Frei João,
Arranje um pé de cabra e traga logo
À minha cela.

Frei João

Eu vou e volto. (*Sai.*)

Frei

Tenho de ir sozinho ao monumento.

Em três horas Julieta estará desperta;

Vai zangar-se demais porque Romeu

Não chegou a saber do acontecido.

Vou escrever de novo para Mântua;

Ela espera Romeu na minha cela —

Morta-viva na tumba, pobre dela. (*Sai.*)

Cena III

(Entram Páris e seu pajem, com flores e água perfumada.)

Páris

Dê-me a tocha. Vá embora e fique longe.
É melhor apagar, pr'eu não ser visto.
Fica parado ali, perto das árvores;
Mas atenção, e ouvido no chão,
Pra que não pise alguém no cemitério
Cujo chão, tão cavado, é leve e solto —
Sem que o ouças. Dê um assovio
pra sinal, quando alguém 'stiver chegando.
Dê-me as flores; só faça o que mandei.

Pajem

Tenho até medo de ficar sozinho
No cemitério. Mas vou me arriscar.

(Afasta-se.)

(Páris cobre o túmulo com flores.)

Páris

Flores pro leito dessa noiva em flor.
Ai, ai, o seu dossel é pó e pedra,
Que eu regarei com água a cada noite,
Ou então com meu pranto e meus suspiros.
Meu pranto toda noite se renova,
Cobrindo eu com flores sua cova.

(O pajem assovia.)

Esse é o aviso que vem vindo alguém;
Que pé maldito vem cá esta noite,
Cortando o rito deste meu lamento?
Com uma tocha? Noite, então oculta-me.

(Páris se afasta.)

(Entram Romeu e Baltasar, com tocha, picareta e pé de cabra.)

Romeu

Dê-me aqui a picareta e o pé de cabra.
Tome aqui esta carta. De manhã
Vá entregá-la a meu senhor e pai.
Dê-me a luz. Pela minha vida eu peço,
Fique longe, não importa o que aconteça,
Nem me interrompa no que vou fazer.
Em parte eu desço a esse leito de morte
Só para ver o rosto de quem amo;
Porém ainda mais pra retirar
De seu dedo um anel que necessito
Pr'algo importante. Assim sendo, vá embora.
Se chegar perto para espionar,
Só pra saber que mais eu vou fazer,
Juro por Deus que eu o estraçalho,
Cobrindo o cemitério com os pedaços;
Este momento é só de desespero,
'Stou mais feroz e tão mais implacável
Que o tigre magro ou o rugido do mar.
Baltasar
Eu 'stou indo, e não venho perturbá-lo.
Romeu
É gesto de amizade. Tome isto.
Viva e prospere. Agora adeus, rapaz.

Baltasar

Mesmo assim, eu me escondo por aqui;
Temo sua intenção, pelo que ouvi.

(Baltasar afasta-se.)

Romeu

Goela odiosa, útero da morte,
Repleta com o melhor que há na terra,

Assim eu forço a sua boca a abrir-se
E a obrigo a engolir mais alimento.

(Romeu abre a tumba.)

Páris

Esse é o maldito Montéquio banido,
Que assassinou o primo de Julieta —
Razão, segundo dizem, de sua morte.
E ei-lo aí, pr'algum ato vergonhoso
Com seus corpos. Vou interceptá-lo.
Pare o seu ato sujo, vil Montéquio:
Vingança segue para além da morte?
Maldito condenado, aqui o prendo.
Obedeça-me logo, pra morrer.

Romeu

Pois foi para morrer que vim aqui.
Meu jovem, não provoque o desespero.
Fuja daqui. Pense um pouco nos mortos;
Permita que o assustem; eu lhe imploro,
Não force outro pecado a me pesar,
Provocando-me a fúria. Vá-se embora.
Juro que o amo mais do que a mim mesmo,
Pois 'stou aqui armado contra mim.
Não fique, parta, fuja pra dizer
Que a piedade de um louco o fez viver.

Páris

Desafio a sua jura;
E aqui o prendo por ser criminoso.

Romeu

Ainda me provoca? Venha, então!

(Lutam.)

Pajem

Estão lutando, e eu vou chamar a guarda.

(Sai o Pajem.)

Páris

Eu estou morto; ai, se tem piedade,
Põe-me na tumba, ao lado de Julieta.

(Páris morre.)

Romeu

Assim farei; deixe-me ver seu rosto.
O primo de Mercúcio, o nobre Páris.
Que disse o pajem quando, alma tonta,
Não lhe dava atenção? Creio que disse
Que Páris ia casar com Julieta.
Não disse isso? Ou será que sonhei?
Fiquei louco, ao falar de Julieta,
E pensei que foi isso? Dê-me a mão,
Inscrita como a minha no infortúnio.
Hei de enterrá-lo em cova triunfal.
Cova? Não; junto a um esplendor de luz,
Pois jaz aqui Julieta; e sua beleza
Faz desta tumba festa luminosa.
Morte, deita-te aí, junto a esse morto.
Quantas vezes, logo antes de morrer,
Um homem fica alegre? É o que chamam
De fagulha mortal. E será isto
Tal fagulha? Meu amor, minha esposa,
A morte, que sugou-lhe o mel dos lábios,
Inda não conquistou sua beleza.
Não triunfou. A flâmula do belo
Inda é rubra em seus lábios e seu rosto,
E a morte branca não tremula neles.
Teobaldo, 'stás aí, banhado em sangue?
Que honraria mais posso eu prestar-te,
Que, co'a mão que ceifou-te a juventude,
Cortar a de quem foi teu inimigo?
Primo, perdão. Querida Julieta,

Por que tão bela ainda? Devo crer
Que a morte etérea está apaixonada,
E o esquelético monstro a prende aqui
Pra, neste escuro, ser a sua amada?
Só por medo que sim aqui eu fico,
E jamais do negror deste palácio
Hei de partir. Aqui sempre estarei,
Com seu criados vermes. Aqui mesmo
Eu hei de repousar por todo o sempre,
E libertar da maldição dos astros
A carne exausta. Olhos, um olhar.
Braços, o último abraço! E vós, ó lábios,
Portal do alento, selai com este beijo
Pacto eterno com a Morte insaciável.
Vem, meu caminho amargo, insosso guia.
Piloto insano atira neste instante
Contra as rochas a barca desgastada.
Ao meu amor! (Bebe.) Honesto boticário,
Rápida é a droga. E assim, com um beijo, eu morro.

(Cai.)

(Entra Frei Lourenço, com lanterna, pé de cabra e pá.)

Frei
São Francisco me ajude! Quantas vezes
Trovecei esta noite em sepulturas.
Quem está aí?

Baltasar
Um amigo, um conhecido.
Frei
Deus o abençoe. Diga aqui, amigo,
Que fraca luz é aquela que ilumina
Ossadas e caveiras? Me parece
Que vem do mausoléu dos Capuletos.
Baltasar
É de lá mesmo. 'Stá lá o meu senhor,

A quem tanto aprecia.

Frei

Quem?

Baltasar

Romeu.

Frei

'Stá lá há quanto tempo?

Baltasar

Meia hora.

Frei

Vamos à tumba.

Baltasar

Não senhor. Não ousar.

Meu amo pensa que eu fugi daqui,

E até me ameaçou de me matar

Se eu olhasse pro que 'stá fazendo.

Frei

Pois bem, eu vou sozinho. Estou com medo

De acontecer uma infelicidade.

Baltasar

Enquanto eu cochilava neste canto,

Sonhei que o amo e um outro cavalheiro

Lutavam e o meu amo o assassinava.

(Frei Lourenço se inclina, vê sangue e espadas.)

Frei

Romeu! Que sangue é esse aqui que mancha

A pedra do portal deste sepulcro?

E o que são essas lâminas sem dono,

Rubras assim neste local de paz?

Romeu, pálido assim, e também Páris?

Afogados em sangue? Que hora má

É culpada de fatos como esse?

Ela se move.

(Julieta se levanta.)

Julieta

Meu frade amigo, onde está meu senhor?

Lembro-me bem de onde devo estar,

E aqui estou. Onde está meu Romeu?

Frei

Ouçõ ruídos. Saia logo, amiga,

Deste ninho de morte, de contágio,

E de sono anormal. Poder maior

Do que podemos superar derrota

As nossas intenções. Vamos embora.

A seus pés seu marido caiu morto;

Páris também. Eu lhe darei destino

Em casa santa de religiosas.

Nada pergunte agora; a guarda chega.

Vamos, Julieta. Eu não ousou ficar.

Julieta

Pois pode ir. Eu não vou me afastar.

(Sai Frei Lourenço.)

Que prende o meu amor em sua mão?

Um veneno lhe deu descanso eterno.

Malvado! Nem sequer uma gotinha

Para eu segui-lo? Vou beijar-lhe os lábios;

Talvez que neles reste algum veneno

Que me restaure a minha antiga morte.

(Beija-o.)

Que lábios quentes!

Guarda

Por onde, rapaz?

Julieta

Quem é? Depressa! Ah, lâmina feliz!

Enferruja em meu peito, pra que eu morra!

(Ela se apunhala e cai.)

(Entram o Pajem e guardas.)

Pajem

É aqui. Veja a tocha, ali, queimando.

1º Guarda

Há sangue aqui no chão. Procurem fora;

Vão logo e prendam todos que encontrarem.

(Saem alguns guardas.)

Que quadro horrível! Eis o conde, morto,

Julieta sangrando e recém-morta,

Tendo sido enterrada há já dois dias.

Vão chamar os Montéquios. Deem busca!

(Saem alguns guardas.)

Neste chão jazem todas essas dores,

Mas a base de tanto sofrimento

Só saberemos com explicações.

(Entram vários guardas, com Baltasar.)

2º Guarda

Lá fora estava o pajem de Romeu.

1º Guarda

Segure-o até o príncipe chegar.

(Entram outros guardas com Frei Lourenço.)

3º Guarda

Eis um frade que, arfante, treme e chora;

Tiramos dele a pá e a picareta,

Quando o vimos sair do cemitério.

1º Guarda

Muito suspeito. Prenda-o também.

(Entra o Príncipe, com séquito.)

Príncipe

Que mal já nos desperta assim tão cedo,
Cortando o nosso sono matinal?

(Entram Capuleto e a senhora Capuleto, com criados.)

Capuleto

O que é que todos gritam por aí?

Sra. Capuleto

Nas ruas há quem grite só “Romeu”,
Outros, “Julieta”, “Páris”. Todos correm
Como loucos pro nosso mausoléu.

Príncipe

Que medo é esse, que assim nos assusta?

1º Guarda

Senhor, eis ali, morto, o conde Páris,
Romeu, morto, e Julieta, morta antes,
Morreu mais uma vez e inda 'stá quente.

Príncipe

Tais mortes têm de ser esclarecidas.

1º Guarda

Eis um frade e um pajem de Romeu,
Ambos com ferramentas para abrir
As tumbas desses mortos.

Capuleto

Veja, mulher: Julieta 'stá sangrando!

A faca se enganou, pois sua casa,
Que está vazia nas costas de Montéquio,
Por erro afundou no seio dela.

Sra. Capuleto

Esse quadro pra mim é como um sino
Que me chama a velhice para a tumba.

(Entra Montéquio com criados.)

Príncipe

Vinde, Montéquio, cedo levantado,

Ver vosso filho cedo aqui caído.

Montéquio

Ai, ai, senhor, perdi hoje a esposa;

O exílio do filho a sufocou.

Que outra dor inda ataca este velho?

Príncipe

Olhai, que haveis de ver.

Montéquio

Mal-educado! Que modos são esses,

A ir na minha frente para a cova?

Príncipe

Calem-se os ultrajados um pouco,

Até que esclareçamos tais enigmas

E, conhecendo-lhes causas e fontes,

Aqui possamos comandar a dor,

E guiar-vos — talvez até pra morte.

Até então que a paciência impere.

Trazei aqui, agora, os dois suspeitos.

Frei

Sou deles o maior e o menos apto;

Porém o mais suspeito porque tudo,

Lugar e hora, fala contra mim,

No caso desse vil assassinato.

Aqui 'stou pr'acusar e defender,

Eu mesmo condenado e perdoado.

Príncipe

Diga, então, que sabe do ocorrido.

Frei

Eu serei breve; a vida que me resta

Não dá para relatos tediosos.

Romeu, aqui, casou-se com Julieta;

Ela, ali morta, é sua fiel esposa.

Eu os casei, e o dia dessas bodas

Foi fatal pra Teobaldo, cuja morte

Fez o noivo exilar-se da cidade.

Por ele, não por Teobaldo, ela chorava;

Os senhores, pra aliviar-lhe a dor,
Tentaram obrigá-la a se casar
Com o conde Páris. Ela então buscou-me.
E em desespero implorou por meio
De livrar-se de novo matrimônio;
Se não, matava-se, na minha cela.
Então dei-lhe — segundo a minha arte —
Uma droga pro sono, que operou
Co'o esperava, pois a encobriu
Com o aspecto da morte. Nesse meio-tempo
Escrevi a Romeu pra que viesse
Aqui, nesta noite apavorante,
Pr'a judar-me a tirá-la dessa tumba
Quando cessasse o efeito do veneno.
No entanto, o portador de minha carta
Infelizmente nunca chegou lá.
E devolveu-me ontem a missiva.
Sozinho, pois, na hora de acordar,
Vim eu para tirá-la do jazigo,
No intento de guardá-la em minha cela
Até poder mandar chamar Romeu.
Porém quando cheguei, quase na hora
De ela acordar, jaziam já aqui
O nobre Páris e o fiel Romeu.
Ela desperta; eu peço-lhe que fuja
E aceite com paciência o ato do céu.
Nesse momento um ruído assustou-me,
Ela não quis sair; desatinada,
Ao que parece agiu contra si mesma.
Isso é o que sei. Da boda, a Ama sabe;
E se algo nessa trama não foi bem
Por minha causa, que esta velha vida
Vá antes de seu tempo ao sacrifício,
Segundo o alto rigor das suas leis.
Príncipe
A sua fama sempre foi de santo.
O que declara o pajem de Romeu?

Baltasar

Contei ao amo a morte de Julieta;
E ele veio de Mântua num galope,
Vindo direto para o mausoléu.
Disse pr'eu dar esta carta a seu pai
Pela manhã, e ameaçou matar-me
Se não me fosse e o deixasse só.

Príncipe

Dê-me a carta, pra que eu a examine.
Aonde está o criado do conde
Que foi chamar a guarda? Diga-me agora:
O que queria o conde morto aqui?

Pajem

Trazia flores pra tumba da noiva,
E disse pr'eu ficar bem afastado.
Chegou um outro para abrir a tumba,
E meu amo, depois, lutou com ele.
Então corri para chamar a guarda.

Príncipe

O que o frade narrou está na carta:
O seu amor, a notícia da morte,
E diz que ia comprar certo veneno
De um pobre boticário e que, com ele,
Viria aqui, pra morrer com Julieta.
Onde estão esses dois inimigos?
Capuleto e Montéquio, vede aqui
Que maldição recai em vosso ódio,
Pro céu matar, com amor, vossa alegria.
E eu, por não sustar vossa disputa,
Perdi dois primos. Todos são punidos.

Capuleto

Irmão Montéquio, dai-me a vossa mão
É este o dote que traz minha filha;
Nada mais posso dar.

Montéquio

Pois posso eu.

Farei por ela estátua de ouro puro.
Enquanto esta cidade for Verona
Não haverá imagem com o valor
Da de Julieta, tão fiel no amor.

Capuleto

Romeu, em ouro, estará a seu lado,
Que o ódio foi também sacrificado.

Príncipe

Uma paz triste esta manhã traz consigo;
O sol, de luto, nem quer levantar.
Alguns terão perdão, outros castigo;
De tudo isso há muito o que falar.
Mais triste história nunca aconteceu
Que esta, de Julieta e seu Romeu.

Sobre o autor

William Shakespeare (26 de abril de 1564 – 23 de abril de 1616) foi um poeta e dramaturgo inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo. É chamado frequentemente de poeta nacional da Inglaterra e de “Bardo do Avon” (ou simplesmente The Bard, “O Bardo”). De suas obras restaram até os dias de hoje 38 peças, 154 sonetos, dois longos poemas narrativos, e diversos outros poemas. Suas peças foram traduzidas para os principais idiomas do globo, e são encenadas mais do que as de qualquer outro dramaturgo. Muitos de seus textos e temas, especialmente os do teatro, permaneceram vivos até aos nossos dias, sendo revisitados com frequência pelo teatro, televisão, cinema e literatura. Entre suas obras mais conhecidas estão Romeu e Julieta, que se tornou a história de amor por excelência, e Hamlet, que possui uma das frases mais conhecidas da língua inglesa: To be or not to be: that’s the question (Ser ou não ser, eis a questão).